

The book cover features a background of vertical stripes in shades of blue, green, orange, and red. At the top center, there is a rectangular inset with a grey and yellow pattern. At the bottom, the silhouettes of four people are shown against a bright yellow and orange light source. The title is centered in white serif font.

Raio-X do Livro Espírita

Eurípedes Kühl

RAIO-X DO LIVRO ESPÍRITA

Eurípedes Kühl

2013

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

A obra ora publicada no formato digital pela EVOC – Editora Virtual O Consolador teve anteriormente uma versão impressa, lançada em julho de 2003 pela Editora Aliança, de São Paulo-SP - www.alianca.org.br

Escrita por Eurípedes KühI, a obra publicada em 2003 foi prefaciada e revisada pelo confrade Geraldo Campetti Sobrinho. O prefácio é mantido na edição virtual.

Na ficha catalográfica da edição impressa colhemos os dados abaixo reproduzidos:

| | | | |
|-----------------------|---|-----------|-------------|
| Kühl, Eurípedes, 1934 | | | |
| K763r | Raio X do Livro Espírita / Eurípedes KühI | | |
| | 1ª Edição – São Paulo: Editora Aliança - 2003 | | |
| | 128 págs. | | |
| 1. Espiritismo | 2. Literatura espírita | 3. Título | CDD – 133.9 |

Na presente edição fizemos, no tocante ao trabalho de revisão, tão somente uma adequação da obra às normas ortográficas em vigor em nosso País desde janeiro de 2009, por força do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste.

Londrina, 22 de outubro de 2013

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

DEDICATÓRIA

A Literatura Espírita é assim como uma grande estrada, luminosa. Os leitores — caminheiros dessa estrada — são peregrinos que vencem os espaços, na busca de esclarecimentos espirituais, conforto e paz.

Tudo isso encontram, à sombra amiga das dadivosas árvores que a margeiam, cujos saborosos frutos são os livros espíritas.

Essas árvores não estão ali por acaso...

Alguém as planta...

Incessantemente...

Outros as cultivam.

Esta obra é dedicada a esses peregrinos, semeadores e cultivadores:

- autores dos dois planos (espiritual e material);
- médiuns psicógrafos;
- editores, distribuidores e livreiros espíritas.

Ribeirão Preto, junho de 2003

Eurípedes Kühl

SUMÁRIO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

PARTE I

- 1 O LIVRO ESPÍRITA - ESTRUTURA ESPIRITUAL
 - 1.1 Finalidades
 - 1.2 O Livro Espírita "Número Um"
 - 1.3 O Presente e a "Globalização"
 - 1.4 O Futuro
 - 1.5 Segmentos literários espíritas
 - 1.6 O romance espírita (mediúnico ou não)
 - 1.7 O médium psicógrafo e o "O Livro dos Médiuns" (LM)
Resumo de capítulos de "O Livro dos Médiuns":
 - 1.7.1 Cap. XIII - *Da Psicografia*
 - 1.7.2 Cap. XV - *Médiuns escreventes e psicógrafos*
 - 1.7.3 Cap. XVI - *Médiuns especiais*
 - 1.7.3.1 Segundo o modo de execução
 - 1.7.3.2 Segundo o desenvolvimento da faculdade
 - 1.7.3.3 Segundo o gênero e a especialidade das comunicações
 - 1.7.3.4 Segundo as qualidades físicas do médium
 - 1.7.3.5 Segundo as qualidades morais do médium
 - 1.7.4 Cap. XVII - *Formação dos médiuns*
 - 1.7.4.1 Desenvolvimento da mediunidade
 - 1.7.4.2 Mudança de caligrafia
 - 1.7.4.3 Perda e suspensão da mediunidade
 - 1.8 Os autores espíritas e a "Revista Espírita"

PARTE II

- 2 O LIVRO ESPÍRITA - ESTRUTURA MATERIAL
 - 2.1 Reprodução de alguns tópicos da Revista REFORMADOR, da FEB
 - a. *Literatura espírita: uma breve reflexão*
(REFORMADOR de Janeiro/1998)
 - Quanto ao conteúdo
 - Quanto à forma

- Títulos que enganam
 - Pressa em publicar
 - Literatura mediúnica
 - A seleção do leitor
 - Estudar Kardec
 - Obras de referência
 - Direitos autorais
 - b. *Não esqueça as fontes*
(REFORMADOR de Novembro/1998)
 - Citação
 - Referências bibliográficas
 - Algumas dicas importantes
 - c. *Editoração espírita no Brasil: alguns subsídios*
(REFORMADOR de Abril/1999)
 - Conteúdo
 - Sumário e Índice
 - Capa e Quarta capa
 - Título de lombada
 - 2.2 Obras de Referência
 - 2.2.1 Espiritismo
 - 2.2.2 Biografias (de espíritas)
 - 2.2.3 Espiritualismo
 - 2.2.4 A Bíblia
 - 2.2.5 Cultura geral
 - 2.3 Brevíssimas noções de Literatura
 - 2.3.1 Gêneros literários
 - 2.3.2 Conteúdo: Particularidades e Estrutura
 - 2.3.2.1 Poesia
 - 2.3.2.2 Prosa
 - 2.3.2.3 O Conto
 - 2.3.2.4 A Novela
 - 2.3.2.5 O Romance
 - 2.4 Brevíssimas noções de Redação
 - 2.4.1 Estilo
 - 2.4.1.2 Apresentação do trabalho (forma)
 - 2.4.1.3 Frases
 - 2.4.2 Pontuação - sinais - traços
 - 2.4.3 Números
 - 2.4.4 Vultos históricos
 - 2.4.5 Verbos *dicendi*
 - 2.4.6 Adjetivos e advérbios
 - 2.4.7 Repetições
-

- 2.4.8 Abreviaturas
- 2.4.9 Pleonasmos
- 2.4.10 Vícios de linguagem (cacófatos/ técnicas de redação)

PARTE III

- 3. O LIVRO ESPÍRITA - Publicação
 - 3.1 Encaminhamento para publicação
 - 3.2 Revisão
 - 3.3 A Tiragem (número de exemplares)
 - 3.4 Da produção ao consumo
 - 3.5 As Editoras
 - 3.6 Os "Clubes de Livros Espíritas" (CLE)
 - 3.7 A realidade da editoração espírita
 - 3.8 Administrando as críticas...
 - 3.8.1 Os críticos espíritas
 - 3.8.2 "Será possível?"
 - 3.9 Direitos Autorais
 - 3.9.1 O "Direito Autoral" e a Lei
 - 3.9.2 Certidão de nascimento do Livro Espírita
 - 3.9.3 Dinheiro
 - 3.9.4 Indenização de gastos
 - 3.9.5 Livro editado

CONCLUSÃO

- 4. MÉDIUNS "MODELO"
 - 4.1 Francisco Cândido Xavier
 - 4.2 Yvonne
 - 4.3 Divaldo

ANEXO

Modelo de Contrato de Cessão de Direitos Autorais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÍNDICE TEMÁTICO

PREFÁCIO

Eis um novo título à disposição do público espírita.

Você, caro leitor, está diante de um livro que, além de enriquecer a vasta literatura espírita publicada no Brasil, é de extrema utilidade pelos apontamentos oportunos quanto à temática da escrita e da preparação de livros espíritas.

Esta obra apresenta duas qualidades que merecem destaque. Em primeiro lugar, a originalidade na abordagem de assunto pouco explorado na literatura espírita. Em segundo, a simplicidade com que os temas são percorridos ao longo da publicação, que possibilita fácil e rápido entendimento das questões tratadas.

É, ao mesmo tempo, um livro novo pela especialização temática, e despretensioso, pois não pretende esgotar o tema. Seu objetivo é oferecer subsídios aos médiuns iniciantes e aos escritores novatos que começam a exercer a difícil trilha da atividade literária.

Escrever bem não é fácil. Exige disciplina, dedicação e perseverança. Sem estes requisitos, o candidato a médium ou a autor não logrará êxito em seus propósitos de se tornar escritor.

O autor destas páginas dispensa apresentação, vez que a substancial folha de serviço ofertada ao Espiritismo e materializada, por enquanto, em quase duas dezenas de títulos publicados por várias editoras, é atestado da sua inestimável contribuição para a divulgação doutrinária.

O leitor poderá, eventualmente, discordar de um ou outro enfoque, sobretudo quanto a assuntos delicados e de tratamento complexo – como "direitos autorais" e "críticas", por exemplo – alinhavados intimoratamente neste livro. Entretanto, reconhecerá a sinceridade de intenções que anima o autor em servir mais e cada vez melhor à Seara de Jesus, espargindo luzes a clarear o caminho dos que iniciam os primeiros passos de uma longa jornada, se perseverarem nesse campo de atuação.

Em nossa opinião, esta obra destina-se aos iniciantes, sejam médiuns psicógrafos ou autores, mas, também, a todos os que lidamos com a difusão do Espiritismo, em especial aos que pretendem desenvolver habilidades da técnica e da arte de escrever, independentemente do conhecimento e da experiência já adquiridos.

Afinal, todos somos aprendizes. E aquele que se nega ao aprendizado tem, ainda, muito o que aprender.

Brasília, 1º de maio de 2000
Geraldo Campetti Sobrinho

INTRODUÇÃO

Considere-se, desde já, que este livro de forma nenhuma seja um manual de como psicografar ou escrever.

É, sim, apenas um depoimento contendo simples sugestões àqueles que já são médiuns psicógrafos, ou já escrevem livros (espíritos), estando ambos em início dessas atividades.

Não é de bom tom, na oratória, o palestrante falar sobre si mesmo. Menos ainda o é de boa ética, na Literatura, o autor descrever-se.

Mas não há outro jeito: para passar ao leitor o que já sei, só posso mesmo escrever sobre o que vivenciei e sobre aquilo que aprendi... E continuo a aprender.

Por isso, eis a modesta história de um médium.

São Paulo/Capital:

Há cerca de 30 anos, retornei ao Espiritismo, que havia deixado por algum tempo.

Frequentando um Curso de Médiuns, em um Centro Espírita (CE), “passei para a mesa”, pois lá era feita uma espécie de “laboratório”, para se definirem os médiuns emergentes e suas eventuais mediunidades.

Quando falo em “laboratório”, no meu caso, refiro-me ao fato de que, após leitura evangélica e prece, com um grupo reunido na minha frente e na frente de vários companheiros, eram colocadas folhas de papel em branco e lápis (objetivando-se identificar psicografia).

Um por um dos componentes da mesa recebiam passe, aplicado por médiuns experientes, ocasião em que, sem indução de nenhuma espécie, o passista (geralmente um dos dois coordenadores do Curso) captava, também, se havia algum “sintoma” de psicofonia.

Algum tempo depois de iniciada a reunião, antes do encerramento do exercício (“laboratório”), todos eram convidados a se manifestar, ocasião em que surgiam algumas evidências de vidências (sem trocadilho), de intuição, de psicofonia e mesmo de psicografia — tudo encarado com respeito, análise e cautela, aguardando-se que o futuro viesse a comprovar a eclosão das citadas mediunidades; por três reuniões consecutivas, não senti absolutamente nada, nada escrevi.

Desde sempre fui e continuo sendo muito rigoroso, exercendo forte autopatrulhamento, na aceitação de “novidades”, de forma particular em termos espíritas.

Por absoluto instinto, é do meu feitio espiritual tentar compreender o que desconheço: se não consigo decifrar algum assunto, tenho por norma deixá-lo em banho-maria, sem que isso se constitua em tibieza, mas, sim, aguardando que novos fatos venham esclarecer ou dirimir minhas dúvidas. Algo assim como Kardec aconselhou, quanto à autoridade da Doutrina dos Espíritos, baseada na universalidade dos ensinamentos dos Espíritos e na fé raciocinada (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, II, e Cap. 19, itens 6 e 7). Então, rejeito ou aceito, e será com sinceridade que, daí em diante, manifestar-me-ei a respeito, sempre que a oportunidade o ensejar.

Veio a quarta reunião: disposto a pôr o assunto em pratos limpos, consegui deixar minha mente quase em branco e o braço bem relaxado para ver se irromperia em mim a escrita velocíssima do Chico Xavier, que em 1971 havia visto lá em Uberaba-MG, numa reunião mediúnica com ele.

Naquela reunião (a “de laboratório”) e naquele momento, na minha mente, eu só seria médium psicógrafo se escrevesse também como o Chico: dezenas de páginas, com velocidade... Quanta pretensão! E mais grave ainda, quanta ignorância, com a única atenuante de que agia sob rigorosa sinceridade; é que não havia estudado *O Livro dos Médiuns* e, nas aulas ministradas pelos coordenadores, o assunto “psicografia” ainda não tinha sido ventilado, ao menos em aulas a que eu houvesse assistido.

Mas aí aconteceu: nada de velocidade, nada de texto em muitas páginas, nada de elevado, apenas, sem que pudesse evitar e totalmente de forma inesperada, estando com os olhos fechados, comecei a ver uma região coberta de neve e ouvi alguém sugerir-me que escrevesse o que via e ouvia:

— *Muitos deste grupo de hoje já estiveram aqui; a arca do tempo guarda esse registro.*

Só que os médiuns estavam no mais absoluto silêncio... Atarantado, passei a perguntar-me, mentalmente:

— *De onde vem essa voz? De dentro da neve? Do ar? De onde, de onde, meu Deus?! E como posso ver, se estou de olhos fechados?...*

Sem obter respostas, foi com receio e timidez que passei aquelas duas frases para o papel à minha frente. Com a letra trêmula e de forma lenta. Sem signatário.

Desnecessário comentar a alegria do grupo, mais pela minha "iniciação psicográfica", do que, propriamente dito, pelas palavras que escrevi. Por mais dois anos, pontual e assiduamente, lá estava eu à mesa da reunião mediúnica, registrando cenas e sons que me visitavam a mente, como sempre, de repente, de forma e conteúdo inesperados.

Os textos eram curtos (menos de meia página, após passá-los à datilografia), sem autoria definida e sempre com conteúdo doutrinário, mas sem aprofundamentos filosóficos...

Guardei todas essas mensagens.

Ribeirão Preto-SP:

Tendo-me mudado para esta cidade, prossegui psicografando mensagens doutrinárias em quatro Centros Espíritas que frequentei, um de cada vez, de 1977 a 1988 (11 anos).

Numa reunião mediúnica, por volta de 1980, tive uma das maiores emoções desta existência: não conhecendo ninguém do grupo, estava atento às atividades e, de repente, vi aproximar-se de mim o Espírito de uma jovem loura, de singular beleza e candura, que me disse:

— *Sou Marta, discípula de Scheila, e é com alegria que estou encarregada de acompanhá-lo nas lides mediúnicas.*

Fiquei deslumbrado.

Exteriormente, mantive-me em absoluto equilíbrio, mas no meu coração emoções se entrecrocavam, num misto de felicidade e responsabilidade.

Terminada a reunião, a presidente do CE, médium consagrada nesta cidade e dedicada inteiramente a crianças sem lar, as quais ainda hoje acolhe em sua casa, disse-me:

— *Eurípedes, por que você não escreveu? Ao seu lado estava uma entidade espiritual, uma jovem, feliz por ser encarregada de ajudá-lo na psicografia.*

Foi nesse preciso momento que concretei em minha mente a certeza inabalável nos mecanismos da psicografia que Deus me houvera confiado, naturalmente para auxiliar-me na senda evolutiva, dessa forma reduzindo-me o passivo de descaminhos.

A partir de então, com muito mais confiança nos Amigos Espirituais, continuei psicografando mensagens — e arquivando-as —, já não tão curtas (de uma a duas páginas, após passadas a limpo), e, felicidade maior: com assinatura dos autores!

Assim, ao longo de quase 15 anos, psicografei cerca de 200 mensagens, sempre em reuniões mediúnicas normais, em CE.

A velocidade da psicografia foi aumentando...

Sim: foram 15 anos! Só de mensagens! Algumas delas (49) estão compiladas e editadas no livro *Grandes Pontos em Pequenos Contos* (Gráfica e Editora São João, de Bauru-SP).

Esse livro não teve a edição prevista completada e por isso está sendo reeditado em 2003, pela LEB (Livraria Espírita Bageense, de Bagé-RS), com acréscimo de 10 (dez) novas mensagens. Foi rebatizado: *Âncoras de Luz*.

Findando 1988, subitamente irrompeu em mim a vontade de psicografar um livro.

Um livro! “Que bacana!”, pensei.

Logo, visitaram-me preocupações: “Mas, como será? Como começar? Sobre qual assunto? Uma mensagem tem sido relativamente fácil, mas um livro...”.

De qualquer forma, confiei, orei, esperei e mantive-me predisposto ao que o futuro me reservasse.

Três semanas depois, já não psicografei mensagem, mas, sim, a abertura do livro que iria ser editado sob o nome *O Prisma das Mil Faces* (Belo Horizonte: Ed. Fonte Viva, 1994).

Aconteceram mais coisas...

Embora até esta data tenha sido reservado em detalhar muitas nuances do meu exercício mediúnic, não obstante, visando tão somente colaborar com o entendimento da mediunidade, registro que:

a) todos os livros que psicografei, só o fiz em reuniões mediúnicas semanais com duração média de 90 (noventa) minutos cada uma, em Centro Espírita, sendo que os dois primeiros romances mediúnicos foram recebidos com participação de cerca de 20 (vinte) médiuns, em atividades paralelas de atendimento e esclarecimentos evangélicos a espíritos desencarnados em estado de necessidade;

b) até hoje, a recepção integral de cada livro psicografado demanda-me cerca de 40 (quarenta) dessas reuniões semanais;

c) na recepção dos primeiros romances que já psicografei, praticamente me automeava “coautor”, “tentando decidir” quais os acontecimentos da próxima reunião mediúnica; aí, não deu outra

coisa: o Autor espiritual passou a defasar os fatos e só ao final de toda a obra, na hora de ser passada para o computador, é que consegui enfileirá-los na devida ordem;

d) com o tempo, consegui autodisciplinar-me e com isso deixei de ficar remoendo, ou matutando durante a semana, sobre o “próximo capítulo”;

e) a partir do terceiro livro, para o recebimento psicográfico, passei a fazê-lo no interior do Centro Espírita, em atitude de recolhimento e concentração espiritual, tendo escolhido um horário semanal, na parte da manhã, com absoluto silêncio nas dependências;

f) após leitura evangélica e prece, música suave proporciona paz no ambiente;

g) a cada livro e em cada reunião psicográfica, o enredo “do dia” se desenrola com intensa vivacidade diante de mim; então, registro no papel os acontecimentos que com clareza vejo mentalmente, deles sentindo-lhes muitas das particularidades físicas;

h) um exemplo disso: no caso particular do *Almas em Chamas* (S.Paulo: Ed. Lúmen, 1998), a dificuldade se mostrou quando, sendo eu desconhecedor de como se processavam os fenômenos de “combustão espontânea” — repetidos ao longo da narrativa —, tive de registrá-los, sentindo as desconhecidas emoções e perturbações psíquicas do personagem-médium fornecedor dos fluidos e do personagem Espírito incendiário;

i) só com estudos doutrinários complementares e consulta a espíritas encarnados, dedicados ao entendimento da complexidade de tal fenomenologia espiritual, pude melhorar a filtragem para prosseguir narrando tais emoções daqueles personagens, entendendo o “como” e o “porquê” da ação perturbada ou perturbadora de cada um deles: invigilantes os primeiros, vingativos os segundos;

j) ao final desse romance (*Almas em Chamas*), quando a Lei do Amor resplandece para os personagens desajustados pela vingança — fato que sempre acontece, cedo ou tarde, para todos os inimigos —, tive a suprema felicidade de ver a paz se instalar nos corações dos personagens;

l) normalmente, ao findar-se um livro, há para mim uma suave despedida dos seus personagens, após a convivência mental que tive ao longo de quase um ano, e dos quais, de alguma forma, tornei-me amigo; resta-me então, e apenas, a certeza de que não eram personagens: eram, sim, Espíritos que em algum lugar do Tempo e do planeta Terra viveram realmente tudo aquilo;

m) pela Bondade do Mestre Jesus, para preencher a lacuna daqueles amigos que as brumas da consciência aos poucos vão arremessando para longe, talvez os levando para seus destinos de Espíritos em crescimento moral, que afinal todos somos, novos "personagens espirituais" vão, pouco a pouco, aproximando-se de minha mente... Novos irmãos, um novo livro!

No início deste ano (2003), 27 anos decorridos da primeira palavra psicografada, eis o que, graças a Deus, já consegui:

a) cerca de 200 mensagens doutrinárias;

b) livros espíritas publicados:

- 11 romances mediúnicos

- 1 livro de mensagens psicográficas

- 9 livros de pesquisas (lavra própria)

*

A história da minha atividade literária espírita já não foi curta como deveria, por isso aqui a encerro.

Moveu-me, digo-o com sinceridade, ser o catalisador de um sentimento de confiança no Plano Maior a alguém que esteja no início das lides da psicografia ou da escrita própria do *livro espírita*. É indubitável que Jesus e seus prepostos jamais desamparam ou desconhecem os esforços sinceros dos médiuns psicógrafos ou escritores espíritas que, ao escreverem textos doutrinários, fazem disso objeto de melhoria moral, própria e de eventuais leitores, no caso da escrita vir a ser publicada.

Se você, leitor, faz parte dessa paisagem, e já tem essa visão e esse sentimento, ainda assim, pensei em repassar algumas "dicas" do universo "espiritual-administrativo" do *livro espírita*.

Se apenas um médium ou um escritor, em fase inicial dessa gratificante atividade, aproveitar algo da experiência que estou repassando, estarei recompensado.

Caso contrário, afinal, esta narração serviu-me de oportunidade para agradecer a Jesus e aos Amigos Espirituais a felicidade que vêm me proporcionando, confiando-me lições evangélicas úteis, que recebo "em primeira mão", as quais procuro aproveitar antes de tentar repassá-las a vocês.

PARTE I

1

O LIVRO ESPÍRITA Estrutura Espiritual

Escrever um livro não é tarefa simples.

Tratando-se de livro espírita, psicografado ou de autoria de encarnado, além da *especialidade* literária, em si, a questão espiritual impõe-se. Médiun ou escritor precisam vivenciar atitudes dignas, de forma a atraírem a aproximação dos bons Espíritos, que no primeiro caso (psicografia) encontrarão trânsito fácil para o ditado mente a mente, e no segundo (lavra própria), a possibilidade de cooperar, via inspiração.

Dessa forma, preciso enfatizar, mais uma vez, que este livro não se destina a “ensinar” como escrever livros, mas sim tecer comentários sobre a vida do livro: do nascimento à eternidade...

Eternidade, sim, porque os livros — qualquer livro — depois de editados, qual seja seu destino, são contemplados com a imortalidade, nem que seja na alma do autor, porque ali jamais será esquecido.

Contudo, para um livro ser escrito, não basta a vontade de ser médium ou autor: a questão da mediunidade está muito bem esclarecida, de forma a não deixar qualquer dúvida, nos capítulos que esta obra cita sobre *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. Nele, o mestre lionês leciona, com rara pedagogia, como uma pessoa se certifica se possui ou não a mediunidade (no caso, a psicografia). Já quanto à competência literária, não basta também almejá-la: ela é conquista individual, a traduzir-se por clareza e estilo, fruto de não poucos estudos.

Num e noutro caso (psicógrafo ou autor) não basta querer sê-lo: a questão se reveste de aspectos que, com toda certeza, conduzem o presente à transcendentalidade, talvez fazendo emergir a vontade de escrever, com fatores predisponentes oriundos de vidas passadas.

Não estou afirmando que assim seja, apenas refletindo que assim pode ser...

A psicografia é *faculdade* (ferramenta) que já nasce com o médium, emprestada por Deus, como instrumento episódico de progresso na existência terrena.

Já a autoria literária é *dom*, isto é, conquista definitiva, patrimônio perpétuo de quem o possui.

Conclusão: o psicógrafo tem uma faculdade; o autor encarnado/desencarnado, um dom.

1.1 Finalidades

Várias são as finalidades do livro espírita. Destaco três:

1ª) Benefício ao encarnado (autor ou médium).

O maior beneficiado pelo livro é quem o escreve ou psicografa, pois entra em contato com um assunto em toda a sua amplitude, seja pela pesquisa, no primeiro caso (lavra própria), seja pela oportunidade de interação com os ensinamentos e as vibrações positivas do autor espiritual (no caso da psicografia).

2ª) Benefício a centenas de leitores (milhares, quase sempre).

O livro espírita é o de mais baixo custo no mercado literário, principalmente se for adquirido por intermédio de algum *Clube do Livro Espírita* (CLE), pois o associado recebe a obra pronta, podendo consultá-la quando, onde, quanto e como quiser.

Quando um palestrante espírita profere uma excelente conferência, empolgando multidões até, o mérito é indiscutível, pois aos ouvintes lhes é dado um encantamento, proporcionando momentos de elevação e aprendizado moral.

Terminada a palestra, a memória tende a não arquivá-la por inteiro. Mas quando alguém adquire um livro espírita e o lê, por um fenômeno psicológico denominado *inferência*, deduz o que lê, alia-se à autoria da obra, quase sempre se projetando na personalidade de um personagem ou como agente reflexivo de uma ação ou descrição. E o livro está ali, à mão, o tempo todo, para ser consultado, relido, emprestado, comentado.

Além do mais, e essa é a realidade, tem-se visto que as edições giram ao redor de três mil (3.000) exemplares, havendo até obras que alcançam centenas de milhares de exemplares. O que isso significa? Que milhares de pessoas, dos mais distantes pontos geográficos, estão com um exemplar à sua disposição, proporcionando que a mensagem evangélica permaneça à mão. E não são poucos os que emprestam seus exemplares, ou simplesmente os doam. Outras vezes, os familiares interessam-se por tais livros, pelo que ouvem de quem já os leu, lendo-os também. E aí, já não serão iguais os números de exemplares editados e de leituras efetuadas.

3ª) Benefício ao autor espiritual.

Sim: benefício ao Espírito que, possuindo luzes a mancheias, encontra a oportunidade de distribuí-las, tal como se fosse o despenseiro que oferta graciosamente alimento ao faminto. Faço esta lucubração com o maior respeito aos Amigos Espirituais que inspiram os escritores ou que se utilizam de um médium para fazerem a divulgação evangélica do alto conhecimento que detêm, por certo, fruto do seu redobrado esforço na busca de mais saber e decorrente de longas e permanentes jornadas no Bem.

Minha reflexão se arrima nas considerações de Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*, Parte 2ª, Cap. I, quando, tratando da "Escala Espírita", diz:

"Segunda ordem - Bons Espíritos":

- nº 111. *Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES.*

... Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemente com os que procuram de boa-fé a verdade;

"Primeira ordem - Espíritos puros":

- nº 113, *Primeira classe - Classe única:*

(...) Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima."

Como é possível depreender, esses abnegados Mensageiros de Jesus, em se tratando dos ensinamentos contidos nos livros espíritas psicografados ou inspirados, necessitam de lanternas com pilhas ativas para esparzirem suas luzes — no caso, os médiuns. Assim, cada livro espírita é uma lanterna acesa, para sempre.

Em conversa com amigos, costumo valer-me de um exemplo desse processo:

- a Espiritualidade é como um reservatório de combustível, imenso, infindável;

- cada livro é um posto de abastecimento;

- cada médium, ou autor, é a bomba desse posto, que atende aos motoristas;

- a quantidade de combustível (conhecimentos) adquirida é aquela da capacidade de cada veículo... E tal combustível tem a propriedade de se autorrenovar, proporcionando, muitas vezes, despercebidos potenciais.

Esse exemplo utilizo-o tanto para a escrita espírita quanto para a fluidoterapia (os passes), substituindo o livro pela câmara de passes e o conhecimento pelos fluidos assimilados.

Resumindo: o livro espírita é um guia para a autorreforma moral!

1.2 O Livro Espírita Número Um!

Meu pensamento volve a 18-4-1857, no lançamento de *O Livro dos Espíritos*, pedra angular da Doutrina dos Espíritos.

Tamanha e tanta é a luz que emana dessa obra, que dela, com gratidão profunda reverencio seu autor fundamental: o Mestre Jesus; eis que nela recorda aquilo que já havia dito e exemplificado, derramando ensinamentos morais, cumprindo o prometido quanto ao Consolador espiritual dos tempos modernos.

Naturalmente, Jesus incumbiu seus prepostos de repassarem a Allan Kardec — investigador emérito — as respostas que iluminariam a dúvida humana, consubstanciada nas reflexões filosóficas de todos os tempos: *de onde vim, a que estou, para onde irei?*

A essas três perguntas fundamentais da existência humana, bem como a centenas de outras, *O Livro dos Espíritos* responde, com lógica irretorquível.

É por isso que afirmo minha convicção:

"O Livro dos Espíritos é O LIVRO ESPÍRITA NÚMERO UM!"

1.3 O Presente e a "Globalização"

A *globalização mundial* (pleonasma) praticamente eclodiu no apagar das luzes do século XX, mas explodiu na vida de quase todos os lares do planeta.

Nos últimos anos o mundo mudou, e essa mudança, batizada de *globalização* (cujas certidão de nascimento foi a "queda do Muro de Berlim"), operou-se por desígnios superiores do Alto. Jamais, ao acaso. Essas, as minhas reflexões. Reflito também que Jesus está no leme e, por isso, o grande barco que é o planeta Terra — abençoada escola — não está à deriva, muito menos ao sabor dos ventos globalizantes. Navegando no mar de provas e expiações, é natural que as tempestades (consumismo, crises sociais, políticas e financeiras) açoitem os passageiros de todas as classes.

Nesse navegar, os *livros espíritas*, atualmente expostos em quase todas as livrarias, colocam na cabine mental dos leitores a moral cristã, para reflexão de que Deus fez leis, sintetizadas no Amor, que não podem ser sequer arranhadas. E mais: delas, nenhum contraventor

(que amiúde somos todos nós) sairá incólume, desfrutando tranquilidade ou omissão ante tanta dor, surdo à magistral advertência de Meimei: “não passes distraído diante de alguém necessitado”.

Maior indução à caridade, impossível!

Eis a missão precípua do livro espírita: esclarecer, aconselhar, consolar. E aí, o papel do psicógrafo ou autor, adquire importância fundamental, porque ambos passam a ser agentes do Plano Maior, de onde, incessantemente, flui a Caridade do Criador.

1.4 O Futuro

O terceiro milênio e a “regeneração planetária”

Sim: antes de o mundo regenerar-se — almejo que tal aconteça o mais rápido possível, bem antes do fim do terceiro milênio (praza aos Céus!) —, os países sofridos, sofridíssimos, da chamada *África Negra* e mesmo dos demais continentes, por certo, via vidas sucessivas, ainda continuarão a ser berço de muitos de nós... Isso, certamente, até que, com o auxílio mundial, evoluam nossos irmãos que ali vivem, ou venham a nascer e viver, o que poderia ocorrer com qualquer um de nós.

Quanto à regeneração do nosso mundo, ela vem sendo fartamente anunciada pelos Amigos Siderais, que preconizam banimento terreno dos devedores terrenos, impenitentes ou contumazes no erro, como por exemplo, nos diz São Luiz (questão nº 1.019 de *O Livro dos Espíritos*); antes, porém, de serem alijados, talvez no terceiro milênio, indo para mundos primitivos, pode-se verificar que aqui mesmo, ainda por algum tempo, tem cada Espírito os ambientes adequados à regeneração individual, que somada às dos demais, será a regeneração planetária terrena.

Nesse ponto, o Espiritismo, mais do que qualquer outra filosofia, tem capital importância para orientar o procedimento da humanidade.

Sim, o mundo será melhor quando, globalmente, os seres humanos diminuïrem a distância que os separa, uns dos outros, e reunirem-se, todos, à volta do Evangelho de Jesus, fato que o *livro espírita* enseja e que Kardec preconizou e batizou de “regeneração mundial” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. III, nº 19).

Por tudo isso é dever do espírita impedir que o *livro espírita* esteja no rol consumista dos artigos descartáveis ou ultrapassados. E estará, se for editado, distribuído (ou comprado) e lido — tudo às pressas —, sem promover reflexões que:

- a) esclareçam a causa dos sofrimentos, pela Lei Divina de Ação e Reação;
- b) convençam plenamente que Deus é justo, daí originando fé inabalável no futuro;
- c) aqueçam e iluminem a alma, despertando para o amor ao próximo;
- d) enfim, induzam à reforma íntima.

1.5 Segmentos literários espíritas

Nesse ponto de minhas considerações, buscando aproximação com a realidade do livro espírita, enquadro-o em seis segmentos literários:

- romances (mediúnicos ou não);
- poemas;
- mensagens;
- científicos;
- estudos doutrinários;
- infantis.

Sem grande esforço, verifica-se que o primeiro segmento (romances), sozinho, alcança mais ou menos a metade dos lançamentos. A outra metade corresponde ao somatório dos demais segmentos.

Comprovante dessa estimativa é o fato de que, oito, dentre dez Editoras Espíritas, privilegiam o lançamento de romances, isso porque, os Clubes de Livros Espíritas, que de alguma forma respondem pela prosperidade da primeira edição, sabem que seus associados "preferem romances, aos demais segmentos".

Por que isso?

É o que tentarei responder.

1.6 O Romance Espírita (Mediúnico ou não)

Quando o romance é espírita...

No caso específico do romance espírita, sua narração, sempre com lógica, sem abusar das doses, oferta (ou deve ofertar) muito mais:

a) O "acaso", (bem como "sorte", "azar", "destino"), são desdobramentos que têm de estar sempre excluídos do texto espírita, peremptoriamente (questão nº 8 de *O Livro dos Espíritos*). O autor espírita formula suas narrações adequando-as às Leis Morais, justificando o presente, onde os reflexos das vidas passadas demonstram

programações reencarnatórias. Assim, as tais “coincidências da vida” têm explicação lógica, inquestionável;

b) Se passado e futuro, como rotina, são vertentes a evitar no romance, no caso do texto espírita outra é a conotação: a Lei Divina de Ação e Reação (Causa e Efeito) deverá necessariamente ser explicitada, mas com cautela, discernimento e propriedade doutrinária;

c) Enquadramento das dores e angústias humanas na Lei de Ação e Reação, evidenciando que são consequência de descaminhos daquele que as sofre, que teria cometido infração ao Bem, em vidas anteriores ou mesmo nesta existência;

d) Por conseguinte, fé na Justiça Divina, no Amor de Deus e na Caridade de Jesus, clarificando a quitação dos débitos morais por provações ou expiações;

e) Os personagens com desajustes, reequilibrando-se graças à autorreforma, alijando más tendências e buscando comportamento segundo o Evangelho de Jesus (salutar indução aos leitores...);

f) A prática do Amor, em todas as facetas:

- amor de Deus, mesmo invisível, mas sublime como a luz do Sol;

- amor à Natureza, que é inteiramente obra de Deus;

- amor ao próximo: palpável, pela ação dispensada por protetores encarnados ou desencarnados (“anjos” guardiões), se possível, ao maior número de personagens, principalmente quando no processo de quitação dos débitos;

- amor entre duas criaturas que se unem, com sexo responsável, lar, família — com ou sem filhos (nada contra que ao final vivam mesmo *felizes para sempre...*), mas substancialmente deve ser exaltada a sublimidade da dedicação recíproca, indene à infidelidade, ao ciúme, à intolerância.

Yvonne do Amaral Pereira (24/12/1900-9/3/1984), médium inolvidável e autora de livros, em sua obra *Devassando o Invisível*, editada pela Federação Espírita Brasileira (FEB) desde 1963, no Cap. VI — “Romances mediúnicos”, destaca a opinião dos Instrutores Espirituais sobre narrações românticas, psicografadas. O capítulo é extenso e de grande valia para os médiuns e autores, em geral. Dele, citarei apenas um trecho.

Diz Yvonne, na referida obra da qual já foram publicadas várias edições:

(...) “Sabemos que o móvel dos romances espíritas é a propaganda da Doutrina por meio suave e convidativo, tributando os Instrutores Espirituais grande apreço a essas obras, por julgá-las imen-

samente úteis em virtude dos exemplos vivos oferecidos aos leitores. (Grifo meu.) Conquanto os Espíritos-Guias deem preferência à parte doutrinária, à moral elevada que vemos presidindo a tudo quanto a Revelação Espírita tem concedido generosamente aos homens, também observamos que jamais se descutam eles de embelezá-las com os traços vigorosos de uma Arte pura, elevada e, por assim dizer, celeste.”

Yvonne psicografou romances de autoria espiritual do Dr. Bezerra de Menezes, contos de Léon Tolstoi e de Charles, além de novela de Camilo Castelo Branco. Deste último, psicografou também *Memórias de um Suicida*, livro de monumental conteúdo moral e informativo sobre o horror espiritual advindo aos suicidas, pois, embora a incessante caridade de Deus não os abandone, jamais seu tresloucado gesto cria barreiras difíceis ante os Espíritos tutelares — prepostos divinos — que vão até eles, aliviando-lhes dores cruciais. Tentam resgatá-los, sendo fundamental o merecimento de cada um...

Fiz estes comentários até aqui, em primeiro lugar, recomendando a todos aqueles que se interessam pelos livros espíritas, que leiam o capítulo citado do *Devassando o Invisível* e, se possível, a obra toda. Para os psicógrafos, esta leitura é imperdível. Necessário, diria.

Ainda num segundo enfoque, que atenuarei o possível, registro, com pesar, que poucos espíritas, situados entre os que mais estudam o Espiritismo, declaram que não leem romances espíritas, pois preferem “obras de estudos”.

É um direito deles, que respeito.

Contudo, o que me entristece é que desconsideram quantas pessoas que ao lerem tais obras, muitos sem conhecer nada do Espiritismo, passam a se interessar pelos ensinamentos espíritas, pois visita-lhes o despertamento para as coisas da Espiritualidade.

Aos que já têm tais conhecimentos, por que não se permitem momentos de encantamento, de empatia com algum dos personagens?

É de natureza suave o romance espírita, ao lado da utilidade do exemplo vivo ofertado ao leitor. É também algo transcendental, que só mesmo a Literatura, enquanto Arte, se vinda do Plano Espiritual (pela psicografia), ou de autor encarnado, promove a reflexão, ora cândida, ora exaltada; ora confirmativa, ora interrogativa.

Neste ponto, por último, cabe apenas pequena referência à questão da autoria, no seu aspecto moral. Quando a obra for psicografada, embora todos os que a lerem e gostarem (que ninguém se iluda:

haverá sempre os que não gostam...) tendam quase sempre a conceder autoria ao médium, elogiando-o, este, com firmeza, deve taxativamente declinar de tal homenagem, que embora sendo sincera, está dirigida a endereço equivocado, pois a autoria é de um Espírito, que não ele.

1.7 O Médium Psicógrafo e *O Livro dos Médiuns*

Antes de qualquer atividade espírita, é indispensável ouvir o mestre Kardec.

Por isso, complementando considerações particulares sobre o *livro espírita*, enquadrando-o em algumas das vertentes do Evangelho, visito a 2ª parte de *O Livro dos Médiuns*, a fim de mostrar informações sobre os mecanismos da mediunidade psicográfica.

Em particular, focalizarei os capítulos XIII, XV, XVI e XVII, nos quais Allan Kardec tece valiosas e imperdíveis considerações para os *médiuns escreventes*.

Permitam-me resumi-las:

1.7.1 Cap. XIII – Da Psicografia

São especificadas mediunidades de:

- *psicografia indireta*: médiuns fornecem fluidos para que sobre um papel surjam palavras escritas, mediante dispositivo de pranchetas, lápis enfiados em cestinhas etc.;
- *psicografia direta*: manual, feita pelo próprio médium.

1.7.2 Cap. XV – Médiuns Escreventes e Psicógrafos

Trata da escrita por:

- *médiuns mecânicos ou passivos*: ação do médium sobre a cesta ou ação direta do Espírito sobre a mão do médium, impulsionando-a a escrever, de forma ininterrupta e inconsciente;
- *médium intuitivo*: por ação espiritual sobre a mente do médium, este escreve, com impulsão própria e de forma consciente;
- *médium semimecânico*: escreve sob as duas condições acima, isto é, sente a mão impulsionada sem sua vontade, mas está consciente daquilo que vai sendo escrito;
- *médium inspirado*: variedade do médium intuitivo, mas com influência espiritual quase despercebida; para se definir tal mediunidade, a regra de ouro ofertada por Kardec é a *espontaneidade das ideias*, que fluem vindas de longe dos pensamentos do médium.

1.7.3 Cap. XVI – Médiuns Especiais

Trata de um resumo (quadro sinótico) de todas as mediunidades. Há uma referência interessante sobre *médiuns pneumatógrafos*: os que obtêm a escrita direta.

(Diz Kardec: “fenômeno muito raro e sobretudo muito fácil de imitar pela charlatanice”. A seguir, faz judiciosa análise dessa mediunidade, citando insistência dos Espíritos *contra sua opinião*, para colocar a escrita direta entre os “fenômenos de ordem física”. Bem interessante essa informação de Kardec, demonstrando como ele mantinha-se fiel ao que sentia, conquanto mantendo também o maior respeito pelos Espíritos que o acompanhavam. Sem polêmicas.)

No item “Variedades dos médiuns escreventes”, sintetizarei:

1.7.3.1 Segundo o Modo de Execução

- *médiuns escreventes ou psicógrafos*: os que têm a facilidade de escrever por si mesmos, sob influência dos Espíritos;

- *médiuns escreventes mecânicos*: os que escrevem recebendo um impulso involuntário na mão, sem ter nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros;

- *médiuns semimecânicos*: os que escrevem recebendo um impulso involuntário na mão têm consciência imediata das palavras e das frases que vão escrevendo. São os mais comuns;

- *médiuns intuitivos*: os que recebem as comunicações dos Espíritos mentalmente, mas escrevem por vontade própria.

(Kardec observa: diferem dos *médiuns inspirados* porque estes não têm necessidade de escrever, enquanto o *médium intuitivo* registra o pensamento que lhe é sugerido rapidamente, sobre determinado assunto que lhe foi proposto. São muito comuns, mas estão muito sujeitos a errar, porque frequentemente não podem discernir o que provém dos Espíritos do que é deles mesmos.)

- *médiuns polígrafos*: os que mudam de caligrafia segundo o Espírito que se comunica ou têm a aptidão de reproduzir a letra que o Espírito comunicante tinha em vida;

- *médiuns políglotas*: os que têm a faculdade de falar ou de escrever em línguas que não conhecem. Muito raros;

- *médiuns analfabetos*: os que só escrevem como médiuns, não sabendo ler nem escrever no seu estado habitual. Mais raros que os anteriores.

1.7.3.2 Segundo o Desenvolvimento da Faculdade

- *médiuns novatos*: os que não têm suas faculdades completamente desenvolvidas nem possuem a experiência necessária;

- *médiuns improdutivos*: os que só recebem sinais sem importância, monossílabos, traços ou letras esparsas;

- *médiuns desenvolvidos ou formados*: os que têm suas faculdades mediúnicas completamente desenvolvidas, transmitindo as comunicações com facilidade e presteza;

- *médiuns lacônicos*: os que recebem facilmente as comunicações, mas breves e sem desenvolvimento;

- *médiuns explícitos*: os que recebem comunicações amplas e extensas como as que se pode esperar de um escritor consumado.

(Kardec comenta: "esta aptidão está relacionada com a facilidade de combinação dos fluidos. Os Espíritos os procuram para tratar de assuntos que necessitam de grande desenvolvimento".)

- *médiuns experimentados*: a facilidade de escrever é uma questão de hábito, que geralmente se obtém em pouco tempo, enquanto a experiência resulta de estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência confere ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, julgar pelos menores indícios as suas qualidades boas ou más, discernir a mistificação de Espíritos enganadores que se disfarçam nas aparências da verdade;

- *médiuns flexíveis*: os que têm faculdades que se prestam mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações;

- *médiuns exclusivos*: os que recebem de preferência determinado Espírito, e até mesmo com a exclusão de todos os outros, respondendo ele pelos que são chamados por meio do médium;

(Analisa Kardec: "Trata-se sempre de falta de flexibilidade. Quando o Espírito é bom, pode ligar-se ao médium por simpatia e com finalidade louvável. Quando é mau, tem sempre em vista submeter o médium à sua dependência. É mais um defeito do que uma qualidade, e muito próximo da obsessão".)

- *médiuns de evocações*: os *médiuns flexíveis* são naturalmente mais convenientes para esse gênero de comunicações, mais aptos a responder às questões específicas que lhes forem propostas;

- *médiuns de ditados espontâneos*: os que recebem de preferência comunicações espontâneas de Espíritos não chamados.

1.7.3.3 Segundo o Gênero e a Especialidade das Comunicações

- *médiuns versificadores*: são os que obtêm mais facilmente comunicações em versos. Muito comuns para os maus versos, muito raros para os bons;

- *médiuns poéticos*: são os que, sem obter versos, recebem comunicações de estilo vaporoso, sentimental, sem qualquer tom de aspereza... Tudo neles é vago e seria inútil pedir-lhes algo de precioso. Muito comuns;

- *médiuns positivos*: suas comunicações têm, em geral, um caráter de nitidez e precisão que se presta espontaneamente às explicações detalhadas e circunstanciadas, aos ensinamentos exatos. Muito raros;

- *médiuns literários*: não têm o tom vago dos médiuns poéticos nem o terra a terra dos *médiuns positivos*, mas dissertam com sagacidade. Seu estilo é correto, elegante;

- *médiuns incorretos*: podem obter comunicações muito boas, pensamentos de elevada moralidade, mas seu estilo é difuso, incorreto, sobrecarregado de repetições e termos impróprios;

(Pensamento que Kardec exterioriza a respeito: "A incorreção material do estilo decorre geralmente da falta de cultura intelectual do médium, que não serve de bom instrumento para o Espírito nesse sentido".)

- *médiuns historiadores*: os que têm aptidão especial para as dissertações históricas. Essa faculdade, como todas as outras, independe dos conhecimentos do médium, pois há pessoas sem instrução, e até mesmo crianças, que tratam de assuntos muito além do seu alcance;

- *médiuns científicos*: não dizemos sábios, porque podem ser até muito ignorantes, mas apesar disso são especialmente aptos a receber comunicações relativas às Ciências;

- *médiuns medicinais*: sua especialidade é a de servirem mais facilmente aos Espíritos que fazem prescrições médicas. Não se deve confundi-los com *médiuns curadores*;

(Opino que essa mediunidade só deverá ser exercida por médicos, pois do contrário, será indevida, por caracterizar exercício ilegal da Medicina.)

- *médiuns religiosos*: recebem mais especialmente comunicações de caráter religioso ou que tratam de questões relativas à religião, sem embargo de suas crenças e de seus costumes;

- *médiuns filósofos e moralistas*: suas comunicações tratam geralmente de questões de Moral ou de alta Filosofia. Muito comuns para as questões morais.

Neste ponto, o Espírito Erasto (guia de Kardec) observa:

“Todas essas classes constituem diversidades de aptidões dos bons médiuns. Quanto aos que têm aptidões especiais para certas comunicações científicas, históricas, médicas e outras, acima do seu alcance atual, podem estar certos de que possuíam esses conhecimentos em outra existência e os conservam em estado latente, fazendo parte, assim, dos elementos cerebrais necessários à comunicação do Espírito”.

Prosseguindo, com Kardec:

- *médiuns de comunicações triviais e obscenas*: estas palavras indicam o gênero de comunicações que certos médiuns recebem habitualmente, e a natureza dos Espíritos que as transmitem... Espíritos cuja perversidade se iguala à dos homens mais depravados... Ou, menos abjetos, contentam-se com expressões triviais.

1.7.3.4 Segundo as Qualidades Físicas do Médiun

- *médiuns calmos*: os que sempre escrevem com certa lentidão, sem a menor agitação;

- *médiuns velozes*: os que escrevem com uma rapidez que não poderiam desenvolver voluntariamente em seu estado normal. Neles, a rapidez é a do relâmpago; há o inconveniente, às vezes, da escrita se tornar quase ilegível para outras pessoas;

- *médiuns convulsivos*: permanecem num estado de superexcitação quase febril. Sua mão e às vezes todo o corpo se agitam num tremor que não conseguem dominar.

(Recomenda Kardec: “Esses médiuns só devem servir-se raramente de sua faculdade, pois o uso muito frequente pode afetar-lhes o sistema nervoso”.)

1.7.3.5 Segundo as Qualidades Morais do Médiun

Esclarece Kardec:

“São mencionados sumariamente, lembrando-os apenas para completar o quadro, pois serão tratados a seguir em capítulos especiais: “Da influência moral dos médiuns” / “Da obsessão” / “Da identidade dos Espíritos” / e outros, para os quais pedimos particular atenção”.

a) Médiuns imperfeitos:

- *obsidiados / fascinados / subjugados / levianos / indiferentes / presunçosos / orgulhosos / susceptíveis / mercenários / ambiciosos / de má fé / egoístas / ciumentos.*

(Em meio às peculiaridades desses médiuns, recomenda o Espírito Erasto: "Deixai-os ir pavonear onde quiserem e procurar ouvidos mais complacentes, ou que se isolem. As reuniões de que se afastaram nada perdem".)

b) Bons médiuns:

- *médiuns sérios*: os que só utilizam suas faculdades para o bem e para finalidades realmente úteis. Julgam profaná-las pondo-as ao serviço dos curiosos e dos indiferentes, ou para futilidades;

- *médiuns modestos*: os que não se atribuem nenhum mérito pelas comunicações recebidas, por melhores que sejam. Consideram-nas como alheias e não se julgam livres de mistificações. Longe de fugirem às advertências imparciais, eles as solicitam;

- *médiuns devotados*: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar os seus gostos, seus hábitos, seus prazeres, seu tempo e até mesmo os seus interesses materiais em favor dos outros;

- *médiuns seguros*: os que, além da facilidade de recepção, merecem a maior confiança em virtude de seu caráter, na natureza elevada dos Espíritos que os assistem.

Concluindo este capítulo, Kardec registra que todas essas variedades mediúnicas apresentam uma infinidade de graus de intensidade. (...) Um médium pode ter numerosas aptidões, mas sempre haverá a predominância de uma, e essa é a que ele deve tratar de cultivar, se for útil. É um erro grave querer forçar de qualquer maneira o desenvolvimento de faculdade que não se possui.

1.7.4 Cap. XVII – Formação dos Médiuns

Neste capítulo, vislumbro a importância que Kardec atribuía à psicografia, pois o dedica especialmente aos médiuns escreventes. Antes, ouçam:

Nº 200: (...) Só há um meio de constatar a existência (da psicografia): é experimentar. (...) Consiste unicamente em pegar-se um lápis e papel e pôr-se em posição de escrever, sem qualquer outra preparação. Mas, para se conseguir bom resultado, são indispensáveis muitas recomendações. (Grifo meu.)

Em sequência, tantas são as considerações que Kardec expende, além de ajuizadas recomendações, que se torna mesmo inviável sin-

tetizá-las. Contudo, como meu objetivo é mostrar uma diretriz aos psicógrafos iniciantes, cuja mediunidade já tenha sido robustamente comprovada, bem como aos escritores novatos, julgo de utilidade, sem que tal configure seleção, apontar algumas dessas abençoadas conclusões a que chegou o mestre Lionês, pois quase todas servem para ambos.

Buscando não comprometer o contexto, pinçarei a seguir o resultado das pesquisas e observações de Kardec sobre os médiuns escreventes, no que se refere ao desenvolvimento da mediunidade, à mudança de caligrafia e à perda e suspensão da mediunidade.

1.7.4.1 Desenvolvimento da Mediunidade

- gênero de mediunidade que mais se expandiu;
- é a um tempo o mais simples, o mais cômodo, o que proporciona resultados mais satisfatórios e mais completos;
- é ainda o que todos ambicionam;
- pode-se usar indiferentemente a pena ou o lápis.

(Kardec considerou que a pena seria para médiuns calmos, tornando impossível seu uso para os que escrevessem com grande velocidade; necessário considerar que isso foi escrito em 1862. Portanto, ainda não existiam as canetas esferográficas; logo, acredito que não tardarão os médiuns informatizados, registrando textos ditados pelos Espíritos diretamente no computador.)

- as relações de um Espírito (autor) com o médium demandam tempo e sintonia;
- o médium deverá sempre orar a Deus e ao seu Anjo guardião, antes da tarefa;
- o problema da identidade da autoria espiritual requer maior experiência;
- calma e recolhimento são indispensáveis à execução da tarefa mediúnica;
- o recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa provocar distrações; (Grifo meu.)
- é bom lembrar que podem ocorrer tentativas infrutíferas da atividade psicográfica;
- um meio que quase sempre dá bom resultado é o emprego, como auxiliar momentâneo, de um bom médium escrevente flexível e já formado, que colocará sua mão sobre a do que deve escrever, sendo raro que esta não se mova imediatamente;

- às vezes, também basta magnetizar com essa intenção o braço e a mão do que deseja escrever;

- outro meio poderoso, consiste em reunir certo número de pessoas, todas em absoluto silêncio e animadas do mesmo desejo e da mesma intenção (psicografia);

- a fé não é condição obrigatória para o iniciante, embora seja recomendável; a pureza da intenção, o desejo e a boa vontade bastam;

- o primeiro indício da disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão;

- as primeiras comunicações obtidas só devem ser consideradas como exercícios a cargo de Espíritos secundários, pelo que não se deve atribuir-lhes senão um valor medíocre; (Grifo meu.)

No meu caso, conforme já o disse, psicografei mensagens doutrinárias por quinze anos, antes que "meu" primeiro livro viesse à luz.

- essa é uma prova para quase todos os médiuns escreventes; se aprovados, conquistarão a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores;

- é prudente desconfiar da natureza dos primeiros Espíritos comunicantes: é preciso considerar a linguagem deles: sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; escrita irregular, deformada, de tamanho exagerado ou em formas ridículas e estranhas.

Aliás, a vigilância quanto ao conteúdo, não deverá acontecer apenas no início da psicografia, mas sim, permanentemente. Exemplo incomparável desse cuidado encontra-se no procedimento da médium Yvonne A. Pereira, no seu livro *Devassando o Invisível* (Rio de Janeiro: FEB, 1963. cap. VII: o amigo beletrista). Sua leitura é obrigatória àqueles que desejem apurar sua atividade psicográfica.

- não confundir tamanho exagerado com a pouca economia de espaço que fazem os Espíritos;

- a satisfação que o desenvolvimento mediúnico provoca a alguns iniciantes precisa ser controlada: só utilizá-lo nos momentos oportunos e não a todo instante;

- é bom escolherem dias e horas determinados para a prática mediúnica, de maneira a se prepararem com maior recolhimento, e para que os Espíritos que desejam comunicar-se estejam prevenidos e também se coloquem em melhores posições.

1.7.4.2 Mudança de Caligrafia

- fenômeno comum entre os médiuns escreventes, segundo os vários Espíritos que se comunicam;
- o mais notável é que a mesma caligrafia se repete sempre com o mesmo Espírito;
- a uniformidade da escrita, mesmo num médium mecânico, nada prova, absolutamente, contra a sua faculdade, pois a mudança de caligrafia não é condição absoluta na manifestação dos Espíritos.

1.7.4.3 Perda e Suspensão da Mediunidade

- a faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e suspensões momentâneas;
- quase sempre isso acontece porque os Espíritos assim o decidem;
- o emprego da mediunidade em futilidades ou com finalidades ambiciosas afasta o Espírito que irá procurar um protegido mais digno;
- pode ocorrer privação momentânea da mediunidade, como lição para o médium não se envaidecer;
- outras vezes, pode haver uma proteção do Espírito para um descanso do médium; nesse caso, o médium continua a ter a companhia do Protetor, mas sem nenhuma comunicação, algo assim como se alguém ficasse cego por algum tempo, mas seus amigos estivessem sempre o protegendo;
- o médium pode e deve aperfeiçoar-se sempre, mesmo sem lições diretas dos Espíritos: os livros, o Evangelho, por exemplo, ensinam, sem que seja preciso ter ouvido as palavras da própria boca do Mestre Jesus.

1.8 Os Autores Espíritos e a *Revista Espírita*

Aos médiuns psicógrafos, eis algumas das recomendações que Kardec lhes deixou, sobre o exame rigoroso do que publicar. De passagem, faz referência a Espíritos...

Revista Espírita, novembro/1859, p. 283:

"Deve-se publicar tudo quanto dizem os Espíritos?"

(...) O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, frequentemente, mostram o ponto fraco."

Revista Espírita, maio/1863, p. 156:

"Exame das comunicações medianímicas (o mesmo que mediúnicas) que nos são dirigidas.

(...) Fizemos exame (...) de três mil e seiscentas (...) Entre elas encontramos (...) mais de três mil de uma moralidade irrepreensível: trezentas para a publicidade; apenas cem de um mérito sem paralelo. (...) Dos manuscritos ou trabalhos de grande fôlego que nos são dirigidos, entre os quais, sobre trinta deles não encontramos senão cinco ou seis tendo um valor real. No mundo invisível, como sobre a Terra, os escritores não faltam, mas os bons escritores são raros."
(Grifo meu.)

Essas lições, de indiscutível atualidade, embora destinadas aos médiuns escreventes, certamente podem ser estendidas para os autores espíritas.

Num e noutro caso, não apenas para iniciantes.

Aliás, se me permitem, recomendo a todos aqueles que exerçam qualquer atividade na literatura espírita que leiam — na íntegra — e estudem detalhadamente os referidos artigos. Haverá um imenso ganho de qualidade naquilo que fazem.

PARTE II

2

O LIVRO ESPÍRITA Estrutura Material

2.1 Reprodução de alguns tópicos da Revista *Reformador*, FEB

Reproduzo agora parte dos artigos de *Geraldo Campetti Sobrinho*, publicados pela Revista *Reformador* (órgão oficial da FEB)¹.

O citado articulista é formado em biblioteconomia, com curso de mestrado em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília.

Solicitei-lhe autorização para as transcrições abaixo, obtendo pronto e fraternal atendimento. Inclusive, solicitei também que fizesse a revisão e prefaciasse este livro.

Repetindo fraternidade, aquiesceu.

Sou-lhe grato!

Exponho alguns comentários (não todos).

a) Literatura Espírita: Uma Breve Reflexão (*Reformador* de janeiro/1998)

Considerações iniciais:

É impressionante como toda semana surge, pelo menos, um novo título nas livrarias das capitais e cidades do interior do país. Romanços, contos, crônicas, mensagens, poemas, livros os mais variados para a escolha de todo tipo de leitor; livros que estão entre os *best-sellers*, entre os mais vendidos em livrarias que comercializam literatura em geral!

Esta grande quantidade de obras, infelizmente, nem sempre apresenta a qualidade que as publicações consideradas espíritas deveriam assegurar.

Quanto ao Conteúdo

O conteúdo de um *candidato* a livro, seja mediúnico ou resultado do trabalho de pesquisas por parte de estudiosos encarnados, deve ser exaustivamente revisado. Outras pessoas, além do médium ou do

1 Aqui, como aliás em todo o contexto deste livro, foi utilizada a norma para referências bibliográficas da ABNT, a NBR 6023:2000. (Nota da Editora)

autor encarnado, serão encarregadas de analisar detalhadamente o que está sendo veiculado na publicação.

É para isso que existem os chamados conselhos editoriais.

Ideias confusas, pensamentos truncados, frases mal-elaboradas, *meias-verdades*, citações incompletas, erros gramaticais e outros aspectos precisam ser corrigidos antes de a obra ir a lume. Depois será tarde.

É evidente que, por se tratar de realização humana, sempre haverá detalhes a serem retificados em futuras edições do livro. Mas isto não justifica o descuido dos responsáveis pela edição.

Quanto à Forma

A apresentação de um livro deve ser feita com carinho e zelo pelos diagramadores, arte-finalistas, publicadores. É uma questão de paixão. Para quem não gosta e não sabe fazer, é melhor dedicar-se a outro ramo.

Da primeira à quarta capa², gramatura do papel, espaçamento entre linhas e entre palavras, tamanho da fonte, mancha e divisão dos tópicos. Deve-se pensar em fazer algo para o conforto e satisfação de quem vai ler. Um livro de qualidade quanto à forma é adquirido pela capa. É amor à primeira vista. Chega a ser irresistível: você vê e compra.

Títulos que Enganam

Há livros cujos títulos são chamativos, atraentes, mas enganadores.

Com um rápido compulsar da obra, percebe-se que o conteúdo não corresponde às expectativas motivadas pelo título. Um livro também é vendido pelo título.

Pressa em Publicar

Parece que tanto os autores como os editores ficam ansiosos em tornar conhecido o trabalho que têm em mãos. A literatura espírita está sofrendo desse mal — a precipitação —, que necessita de ser curado em sua fonte. Os responsáveis pela editoração de livros espíritas precisam estar conscientes do trabalho que desenvolvem.

² Várias editoras têm aproveitado a quarta capa para divulgação do próprio livro ou de outras publicações, por meio de resumos. Isto facilita ao leitor selecionar o livro de seu interesse.

Observa-se que o livro espírita é cada vez mais bem aceito pela sociedade. Isto é excelente, pois demonstra que o Espiritismo está chegando a outras mentes e corações.

O principal problema que o Movimento Espírita enfrenta na atualidade é, justamente, o da divulgação doutrinária.

Muitos estão se aproveitando e falando em nome do Espiritismo, publicando em nome da Doutrina. O interesse comercial, às vezes, supera o doutrinário. As editoras que publicam livros de baixa qualidade, quanto ao conteúdo e à forma, provavelmente não são espíritas, mas publicam livros ditos *espíritas*.

E por causa dessa pressa toda, dessa falta de cuidado, a qualidade fica comprometida, tanto no que se refere ao conteúdo quanto à forma de apresentação da obra.

Editoras criteriosas dificilmente publicarão obras ruins. É fato que determinados editores recusam muitos originais que lhes são remetidos para publicação. Quanto aos originais aproveitáveis, são submetidos a seguro exame no que se refere ao conteúdo que tais obras abordam e no que concerne à forma. Isto faz parte do trabalho sério.

Literatura Mediúnic

É bom que se diga com clareza e honestidade que nem tudo o que é originado dos Espíritos é Espiritismo, pelo fato óbvio — mas nem sempre lembrado — de que a desencarnação não torna sábios os Espíritos, mesmo que já possuam conhecimento da realidade espiritual. (...) Quantos Espíritos dizem o que pensam livremente, como fruto de suas experiências, às vezes com boas intenções, mas cujos conceitos não resistem a uma análise mais profunda, fundamentada nos princípios básicos da Doutrina?

O Espiritismo não é seita, nem tem rituais, não está vinculado a práticas ocultistas e esotéricas, embora, genericamente, se categorize como filosofia espiritualista³.

A Seleção do Leitor

É preciso separar o joio do trigo, pois nem todos os leitores, principalmente os iniciantes nos conhecimentos doutrinários, sabem distinguir o que é ou não Espiritismo nesta farta literatura espalhada pelo Brasil e mundo afora.

³ Cf. Item I da Introdução de *O Livro dos Espíritos*.

Não se pode cogitar de um *Index prohibitorum*, no Movimento Espírita. A Igreja já o fez, incorrendo em equívocos lamentáveis.

O Espiritismo é doutrina de liberdade, mas também de esclarecimento: "Conhecereis a verdade e ela vos libertará"⁴, ensinou-nos Jesus.

O melhor caminho para o conhecimento é o estudo.

Estudar Kardec

A leitura atenciosa e o estudo criterioso das obras básicas são premissas para a formação de uma sólida cultura doutrinária.

Não estou fazendo apologia da elitização do Espiritismo por uma classe culta, melhor preparada intelectualmente. Ressalto a importância e a necessidade do estudo para o bom conhecimento da Doutrina. E isto independe da inteligência no tocante aos aspectos básicos, aos princípios fundamentais do Espiritismo.

Por isso, há que se começar pela base: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese*. Os livros *O que é o Espiritismo* e *Obras Póstumas*, complementam esta formação cultural doutrinária.

De minha parte, acrescento o valiosíssimo subsídio doutrinário ofertado pela *Revista Espírita*, publicação mensal a cargo de Kardec, de 1858 a 1869.

O estudo pode ser enriquecido com os considerados *clássicos do Espiritismo* lançados no final do século XIX e início do século XX, que a Federação Espírita Brasileira continua editando, como: Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, Léon Denis e outros estudiosos que deixaram registrados seus trabalhos para consulta dos que os sucederiam, na condição de aprendizes da realidade espiritual que a vida descortina além-túmulo.

Em seguida, obras subsidiárias psicografadas por médiuns de assegurada idoneidade moral, como Francisco Cândido Xavier, Yvonne A. Pereira, Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira e outros.

Obras de Referência

(...) São catálogos, bibliografias, índices, dicionários, glossários, enciclopédias e outras publicações do gênero, que possibilitam ao leitor acessar informações sumárias ou encontrar a indicação de fontes para os assuntos de seu interesse. Obras que representam o pri-

⁴ João, 8:32.

meiro passo para qualquer pesquisa. Por meio delas, chega-se às fontes primárias, conseguindo o acesso à informação completa. (...) Geralmente são compactações, resumos e indicações do texto integral contidos nos documentos referenciados.

Em texto à parte, relacionarei algumas "Obras de referência", que considero indispensáveis ao médium ou escritor espírita.

Direitos Autorais

Este é um tema complexo e de extrema importância, que os autores e estudiosos devem procurar conhecer, principalmente nos dias atuais, em que o conhecimento humano e a disseminação de informações têm crescido rápida e quase que descontroladamente.

As relações entre os espíritas devem-se pautar pela ética e respeito que o Evangelho preconiza. Há livros espíritas que são cópias parciais de outros já publicados por diferentes editoras. Compilações, às vezes, realizadas às pressas e que, por isso, deixam a desejar, não acrescentando nada à literatura: toma-se uma mensagem ali, uma crônica acolá, redigem-se algumas páginas e pronto, tem-se um *novo livro* que não chega, na maioria dos casos, a cem páginas.

Também em texto próprio, tratarei dos "Direitos Autorais", no tocante à melindrosa questão financeira...

b) Não Esqueça as Fontes (Reformador de novembro/1998)

Considerações iniciais:

Ao redigir um texto para livro ou periódico é importante que o autor se lembre de fazer as devidas anotações das fontes consultadas e citadas em seu trabalho.

O registro das fontes de onde se extraíram informações para fundamentação conceitual, argumentação de ideias, oposição a teorias já expostas anteriormente é tão importante quanto o desenvolvimento do próprio assunto.

Citação

A citação é a menção no texto de uma informação extraída de outra fonte, seja livro, folheto, periódico ou outra qualquer.

A citação pode ser realizada de duas formas: direta (transcrição textual *ipsis litteris*) e indireta (utilização de ideias de outro autor).

(...) As aspas duplas são utilizadas para destacar os trechos citados, e as aspas simples quando ocorre a inserção de uma citação em outra.

A composição dos trechos que superam a cinco linhas deve ser feita com recuo em relação à margem esquerda, e em tipo menor que o do restante do texto.

(...) As omissões feitas em um texto citado são indicadas por reticências entre parênteses (...) e as interpolações, por colchetes [].

Caso exista algum erro ou impropriedade, emprega-se em seguida ao texto citado, entre colchetes, a palavra latina [*sic*] que significa como impresso.

Referências Bibliográficas

A referência bibliográfica é um conjunto de elementos que permitem a identificação, no todo ou em parte, de documentos impressos ou registrados em diversos tipos de materiais.

Quando a citação de uma obra é realizada pela primeira vez, a sua referência bibliográfica deve ser completa.

Ex: PEREIRA, Yvonne A. *A Voz do Consolador*. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

As iniciais das palavras que compõem o título estão em maiúsculas, objetivando manter o padrão editorial adotado pela FEB. Não há obrigatoriedade deste procedimento, excetuando-se a primeira letra da primeira palavra e os nomes próprios.

A referência bibliográfica de uma obra mediúnica é feita assim:

XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. história da civilização à luz do Espiritismo. Ditada pelo Espírito Emmanuel, 20.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

(...) É importante ainda saber que a referência bibliográfica pode aparecer em nota de rodapé ou de fim de texto. (...)

Algumas Dicas Importantes

p ou pp?

Não há necessidade de duplicação do p na identificação do número de páginas ou intervalo das páginas referenciadas.

Exemplos errados: 150 pp; pp. 8-15.

Exemplos certos: 150 p.; p. 8-15.

O “azinho” da edição

Citar a edição de um livro é muito fácil. Basta colocar o número da edição seguido de ponto e da abreviatura ed. Exemplos: 2.ed.; 3.ed.; 4.ed.; 5.ed.; 10.ed. ...

O azinho é dispensável e incorreto (somente para referências bibliográficas).

Em tempo: não se deve citar a primeira edição (1.ed.). Quando inexistir especificação do número da edição, subentende-se que é a primeira. (...)

O mais discreto

O destaque dos títulos e das expressões ou termos latinos podem ser em *itálico*, **negrito** ou sublinhado. Recomendo o uso do *itálico*. Ele é mais discreto. Por favor, nada de usar mais de um destaque ao mesmo tempo.

c) Editoração Espírita no Brasil: Alguns Subsídios (*Reformador*, abril/1999)

Conteúdo

(...) Imagine-se a situação do indivíduo que ainda não teve oportunidade de conhecer a Doutrina Espírita, mas ouviu alguma coisa a respeito, ficou curioso e resolveu ir a uma livraria para adquirir um “livro espírita”. Chegando lá, encontra grande variedade de títulos, o que é muito bom. Todavia, dentre os títulos expostos, há diversos, cujos conteúdos não são “rigorosamente” espíritas. Esse simpatizante do Espiritismo poderá, em uma circunstância dessas, iniciar seu aprendizado da Doutrina Espírita de maneira inadequada.

Nesse caso, haveria necessidade de vendedores treinados, que conhecessem bem o Espiritismo (...). Ocorre que tais livros estão disponíveis em livrarias que não são espíritas, que comercializam esse tipo de literatura porque “vende bem”. O interesse nesse caso não é o da divulgação doutrinária, mas o comercial. (...)

Sumário e Índice

A correta elaboração do sumário e do índice — duas partes comumente confundidas, mas que possuem funções e estruturas diferentes — é muito importante para a melhoria da qualidade de apresentação de uma obra.

O *sumário* é a “enumeração das principais divisões, seções e outras partes de um documento, na mesma ordem em que a matéria

nele se sucede". O sumário deve figurar no início do livro, apresentando uma visão geral do conteúdo, conforme a estrutura sequencial dos assuntos desenvolvidos no corpo da obra. Neste caso, a numeração progressiva das seções do documento é fundamental para a clareza da apresentação e rápida identificação dos assuntos nele tratados.

O *índice* é a "enumeração detalhada dos assuntos, nomes de pessoas, nomes geográficos, acontecimentos etc., com a indicação de sua localização no texto". É uma lista que localiza e remete para as informações contidas em um texto. Daí a impropriedade da adjetivação *remissivo* que é de uso comum, logo após o termo índice.

(...) O índice é localizado no final da publicação e deve ser denominado simplesmente de índice, índice temático (de assuntos), onomástico (de nomes), geográfico (de locais), cronológico (de datas) de acordo com a natureza do índice. (...)

Capa e Quarta Capa

(...) A utilização da chamada quarta capa, ou última capa do livro, para divulgação do conteúdo, informações sobre o autor, ou apresentação do resumo de outras obras, representa uma comodidade para o leitor, que facilmente obterá informações objetivas por meio da obra que tem em mão, dispensando o ato de abertura do livro ou o compulsar de suas páginas. (...)

Título de Lombada

O título da publicação a ser estampado na lombada da obra, de acordo com a NBR (NBRs = normas brasileiras, editadas pela ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas) 1.225, deve ser horizontal ou vertical. A aposição horizontal é uma opção para o caso de livros muito volumosos, que permitam o título nessa posição, abreviadamente ou não (...). O título de lombada vertical é "escrito longitudinalmente e legível do alto para o pé da lombada". Conhecido por título de lombada descendente, esta forma permite a leitura do título quando o livro está colocado horizontalmente sobre uma mesa, ou qualquer outro objeto, com a face voltada para cima. (...)

2.2 Obras de Referência

Como já registrei, *obras de referência* são valiosas ferramentas para o pesquisador.

Aqui, citarei algumas: a maioria ligada à elaboração do *livro espírita* e outras, de caráter informativo geral.

Dessa forma, como guias de busca e instrumentos indispensáveis à pesquisa literária espírita, sugiro consultas:

2.2.1 Espiritismo

a) Obras básicas (de Allan Kardec): *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

- As obras básicas foram objeto de várias traduções para o português. A FEB, de longa data, em suas edições, citações e transcrições, contempla a que foi feita por Luís Olímpio Guillon Ribeiro (1875-1943), consagrado escritor espírita, tradutor emérito, "conhecedor profundo de vários idiomas e cultor, entre os melhores, do português escorreito e castiço".

- O Instituto de Difusão Espírita (IDE), de Araras-SP, em muito boa hora vem editando essas obras, cada uma com o respectivo Índice Analítico, extremamente útil à busca e ao encontro do tema sobre o qual se quer saber algum detalhe.

b) *Revista Espírita*, sob responsabilidade editorial de Allan Kardec, de 1858 até sua morte, em março de 1869. Publicação mensal, contendo índice de todos os assuntos tratados.

c) *O Espiritismo de A a Z*. Rio de Janeiro: FEB (Federação Espírita Brasileira), 1996. A meu ver, o melhor indicador à pesquisa de temas espíritas.

d) *Vade Mecum Espírita*. De Luiz P. Guimarães. 6.ed., revista e ampliada, São Paulo, Edições "Nosso Lar", 1996.

Salvo engano, é obra pioneira; oferta precioso guia para pesquisas espíritas.

e) *Prontuário de André Luiz*. De Ney da Silva Pinheiro. Araras, IDE, 1998: Temas de todas as obras ditadas pelo Espírito André Luiz!

f) *Espiritismo Básico*. De Pedro Franco Barbosa, 3.ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira (FEB), 1987.

g) *Pérolas do Além*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel, 4.ed., Rio de Janeiro, FEB, 1987.

h) *Dicionário da Alma*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier, autores Espirituais diversos, 3.ed., Rio de Janeiro, FEB, 1990.

i) *Dicionário de Filosofia Espírita*. De L. Palhano Jr., Rio de Janeiro, CELD, 1997.

j) *Índice Geral das Mensagens Psicografadas por Francisco Cândido Xavier*. De Vivaldo da Cunha Borges, Belo Horizonte, União Espírita Mineira, 1988.

Esta publicação facilita a localização de onde foram publicadas mensagens doutrinárias, de vários autores espirituais, psicografadas pelo médium Chico Xavier. Sua utilidade surge quando se vê em vários CE serem distribuídas mensagens espíritas mediúnicas, citando apenas o autor. Se, por exemplo, alguém quiser transcrever uma frase de alguma delas, terá dificuldade de citar a fonte. Neste caso, esta obra o facilita.

l) Revistas e Periódicos Espíritas (à livre escolha do pesquisador)

Além da tradicional revista *Reformador*, da FEB, cuja remessa é gratuita aos Centros Espíritas, muitas outras circulam hoje no Brasil, como assim também jornais mensais.

m) *Bibliografia Espírita*. Salvador-BA, 2 volumes, GBDE (Edição do Grupo de Divulgação de Bibliografia Espírita), 1996.

n) *Guia de Fontes Espíritas*: obra de referência, Brasília, FEB, 2000. Contendo "Índice de assuntos e de nomes encontrados em 355 livros publicados pela FEB".

2.2.2 Biografias (de Espíritas)

a) De Allan Kardec: *Allan Kardec*: meticulosa pesquisa biobibliográfica, três volumes, Zêus Wantuil e Francisco Thiesen. Rio de Janeiro: FEB, 1973.

b) *Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo*, Sylvio Brito Soares. Rio de Janeiro: FEB, 1975.

c) *Grandes Espíritas do Brasil*, 2.Ed., Zêus Wantuil, Rio de Janeiro, FEB, 1981.

Existem atualmente várias obras referentes a outros consagrados espíritas, encarnados e desencarnados, as quais são de fácil aquisição nas Livrarias, Bancas e Feiras de livros espíritas.

2.2.3 Espiritualismo

a) *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*. três volumes, João Teixeira de Paula, São Paulo, Banco Cultural Brasileiro, 1970.

Denominar de "dicionário" esta obra remete o autor a uma exemplar humildade, eis que nela são encontrados — e comentados — praticamente todos os termos correntes sobre espiritualismo, inclusive as respectivas designações em idiomas outros, além do Portu-

guês. A meticulosidade que transcende dos registros feitos, bem demonstra a infinita paciência e o acendrado zelo com que o autor elaborou-a. Mais que dicionário, muito mais, é verdadeira enciclopédia. Opino, a bem da verdade, que a leitura dessa obra muito me sensibilizou, sendo uma das mais úteis de que disponho para minhas buscas histórico-doutrinárias em geral.

b) *Espírito, Perispírito e Alma*, Hernani Guimarães Andrade. São Paulo: Pensamento, 1984.

Esta obra contém "ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico".

2.2.4 A Bíblia

a) *Antigo e Novo Testamentos*: Tradução de Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Edição da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. (Edição brasileira.)

Este compêndio da Bíblia é de baixo custo e oferta, ao final, duas "Tabelas dos livros da Bíblia" (uma, sobre os livros antes da era cristã e outra, durante); além disso, oferece um "Índice de Palavras Bíblicas", que facilita, muito, qualquer pesquisa bíblica.

b) *Pequena Enciclopédia Bíblica*, O.S. Booyer, 10.Ed., Miami-Flórida-EUA (Edição em língua portuguesa), Editora VIDA, 1986.

Assim como a indicação anterior, esta obra também é riquíssima em detalhes bíblicos, contendo: a) Dicionário; b) Concordância; c) Chave bíblica; d) Atlas bíblico; e) Enciclopédia bíblica.

2.2.5 Cultura geral

a) Enciclopédia (à escolha do pesquisador)

b) Dicionário (idem)

c) Vocabulário ortográfico (idem)

d) Revistas especializadas, jornais etc. (idem)

Aqui, sugiro que o pesquisador organize um "arquivo pessoal", devidamente indexado, no qual mantenha artigos extraídos de várias fontes, a seu gosto, nos quais faça anotações para futura utilização.

A Internet também fornece incontáveis informações sobre assuntos espiritualistas e espíritas.

As chamadas "home page", mesmo sob responsabilidade de Entidades espíritas (Centros Espíritas, associações espíritas etc.), ou de autores nominados, em minha opinião só devem merecer crédito se os textos estiverem apoiados em embasamento kardequiano.

2.3 Brevíssimas Noções de Literatura

Existem obras espíritas apresentadas na forma de todos os gêneros literários. Por isso tecerei rápidos comentários sobre Literatura. Meu objetivo não é lecionar sobre "literatura", mas trazer à tona um pouco da fascinante história da escrita e como ela desdobrou-se ao longo do tempo, com autores *de cá* e *de lá*...

De minha parte, ao contrário de alguns ensaístas, considero que é na Literatura onde mais se sobressai o caráter universal das artes, eis que ela consegue, a um só tempo, impregnar o leitor de reflexões, povoando-lhe a alma de sentimentos cômicos ou trágicos, de angústia ou de exaltação, além de ideias e ideais.

A Música, que mais se aproxima da Literatura nessa universalidade (já que ambas desconhecem fronteiras de povos e nações — tempo e espaço), não dá ao ouvinte o passaporte para a ficção. É verdade que a audição encanta, promovendo devaneios, mas não tem a força da Literatura para, como ela, fixar-se nos escaninhos da alma do leitor, proporcionando-lhe passeios ao passado, e por vezes, arremessando-o ao futuro...

O ouvinte é sempre passivo, no sentido de que a Música o enleva, mas dela ele não faz parte.

O leitor, ao contrário, a bordo de um texto, participa mentalmente do seu contexto, inserindo-se no conteúdo narrativo, vivenciando simpatias ou antipatias, alegrias ou tristezas, identificando-se com este ou aquele personagem, ficando feliz ante "finais felizes" ou sofrendo, ante "infelicidades definitivas".

Em qualquer gênero literário, há sempre oportunidade de algum aprendizado.

Ademais, a Literatura tem na palavra o condão de exprimir e provocar na mente do leitor o resultado (signos) das demais artes:

- o som, como na Música;
- a cor, como na Pintura;
- movimentos, como na Coreografia;
- volume, como na Escultura;
- espaços vazios, como na Arquitetura.

A leitura oferta a cada leitor diferentes graus de intensidade quanto aos sentimentos, decorrente da universalidade do texto, produzindo-lhes paisagem mental de imaginário único, individual.

Se as artes e suas expressões em geral promovem *emoções estéticas*, cuja contemplação se dá por análise e captação do conteúdo íntimo que levou o autor a produzi-las, na Literatura, em particular,

provoca *emoções psicológicas*, remetendo o leitor a integrar-se no conhecimento da mensagem, por inferência.

2.3.1 Gêneros Literários

Vem dos gregos clássicos (Aristóteles e Platão, por exemplo) o esforço em conceituar o que seja Literatura.

No pensamento aristotélico, Literatura seria a imitação da realidade.

Platão dividiu a Literatura em três gêneros:

- tragédia ou comédia (teatro);
- ditirambo (poesia lírica);
- poesia épica.

A rigor, digo que só pertencerão à Literatura (ficção/imaginação/subjetivismo), os textos de palavras polivalentes:

- a poesia;
- o conto;
- a novela;
- o romance.

Atualmente é mais aceita a classificação literária em apenas dois gêneros:

Poesia:

- **lírica** (soneto) - canto (da alma) individual
- **épica** (epopeia) - exaltação coletiva de um feito

Prosa:

- **o conto**: matriz da novela e do romance
- **a novela**: história longa e sentimental
- **o romance**: vizinho mais novo da epopeia.

2.3.2 Conteúdo: Particularidades e Estrutura

Considerando que cada gênero literário tem “vida própria”, quanto à sua composição, vou relacionar algumas de suas características específicas:

2.3.2.1 Poesia

Grosso modo, diz-se que a poesia é simetria na Literatura, enquanto a prosa seria a assimetria. Em outras palavras: a poesia baseia-se em certas regras de forma, ritmo e, por vezes, rima, utilizan-

do quase sempre vocábulos metafóricos. A prosa é o texto sem a musicalidade poética.

Contudo, essa questão de formas já não satisfaz, eis que o Modernismo (movimento cultural que eclodiu na Espanha no fim do séc. XIX e no Brasil na década de 1920) orientou a poesia para estética, ferindo de morte, por exemplo, o Parnasianismo (arte pela arte: a forma, em detrimento, se necessário, do conteúdo — sonetos e rimas raras).

Se na poesia o “eu” é a um só tempo o agente passivo e ativo, na prosa o autor lança para o exterior o “não eu”, convidando o leitor a inserir-se no contexto.

No entanto, vezes há em que poesia e prosa se mesclam, não admitindo demarcação de fronteiras, quando, por exemplo, o autor de um romance, num parágrafo em especial, se põe a viajar com nostalgia, narrando o passado do personagem principal, descrevendo um *crepúsculo* existencial.

Aí haverá, quase certo, um retrato daquilo que algures ele próprio vivenciou, contudo, credita ao personagem.

Na verdade, tudo se junta e se mescla:

- a metáfora (crepúsculo = passado);
- a projeção do “eu” (ele próprio);
- o personagem abstrato (o “não eu”).

Particularizar a poesia épica e a poesia lírica, estabelecendo-lhes diferença, é como andar no “fio da navalha”: corre-se o risco permanente de *acidentes retóricos*.

Até porque, de há muito, desintegraram-se os estilos e os gêneros poéticos, não sendo poucos aqueles que consideram a poesia como boa inquilina para museus.

É verdade que aqui ou acolá, heroicamente, surge um soneto, ao estilo clássico, mas falando sinceramente: quem é, hoje, o poeta aclamado pelos seus sonetos?

Apenas para constar, e de relance, firmo-me nos gêneros que a poesia teve:

a) formas épicas: o poeta expressando uma concepção do mundo, numa epopeia;

b) formas líricas: o poeta empregando a forma, sem as angústias românticas.

Hoje (no século XXI), o que impera é um “à vontade formal”, com a arritmia dominando a poesia em toda a sua extensão. Vejam os suplementos literários e confirmem-no.

2.3.2.2 Prosa

O conto, a novela, o romance.

Enumerar a contento as particularidades e as características de cada um desses gêneros da prosa é tarefa que demandaria espaço incompatível com a minha proposta, que repito, é tão somente ofertar uma diretriz ao médium psicógrafo iniciante ou ao autor novato.

Por isso, o que se segue é um resumo. Incompleto, aduzo. Como, aliás, quase todos os resumos...

2.3.2.3 O Conto

a) Particularidades:

Na Literatura, a palavra *conto* é empregada como historieta, narração, "caso", fábula etc.

O *conto* é de origem anciã, isto é, de remota existência.

Talvez não seja exagero de minha parte conjecturar que o *conto* é o pai de todas as demais formas literárias, partindo do pressuposto que desde o antigo Egito, passando pelo Velho Testamento, pelo Novo Testamento, pela Idade Média, pelo Renascimento e na atualidade, encontram-se narrativas que nada objeta de serem consideradas *contos*.

Seria grave equívoco o imaginar que o *conto* pudesse ser revertido à *novela* ou ao *romance*. E mais: que estes pudessem se converter naquele.

Não!

O *conto* é o *conto* e não pode se confundir ou mesclar com outras áreas literárias. Tem fronteiras bem delimitadas e estrutura específica.

Por via de regra, ele nasce de um conflito:

- de um personagem consigo mesmo (seus desvios e desconfortos psíquicos);

- de duas ou mais personagens, de convivência em atrito.

Tal conflito não tem satélites (incontáveis, como na *novela*, ou apenas o principal, com mais alguns "subsátélites" interligados a ele, como no *romance*). O conflito, o drama, a "história" enfim, são únicos. Sem apêndices. O que vem antes e o que acontece depois do fato narrado, bem como as características físicas do ambiente, pouca substância contém, quando muito, ralas referências.

Como exemplo de conto, cito Ernest Miller Hemingway (1898-1961), famoso contista e romancista norte-americano. Dentre suas celebradas produções, destaco *O Velho e o Mar*, uma parábola sobre

o homem (pescador ao mar) enfrentando a natureza (um peixe). Nessa obra — Prêmio Nobel de Literatura de 1954 —, no decorrer da narração, o leitor visita todos os escaninhos da alma humana, ali extraídos de apenas um personagem (o pescador), sendo que o peixe é uma metáfora das adversidades naturais da vida. O epílogo é grandiloquente, decisivo, definitivo.

b) Estrutura:

- Tempo e espaço: irão visitar o conto, apenas em síntese.
- Pormenores: não há. O texto vai direto ao ponto.
- Composição: há uma única unidade narrativa.
- Narração: preferivelmente, sempre na terceira pessoa (é alguém que está *contando* algo).
- Linguagem: de rápido entendimento, sem segundas intenções (as metáforas).
- Diálogo: quando há, os dramas e conflitos pressupõem alguém falando, consigo mesmo (monólogo), ou com a pessoa que compartilha o fato.
- Cronologia: linear, a do relógio. Na brevidade do *conto*, complicaria o entendimento do leitor ter que viajar na cápsula do tempo, ao passado ou ao futuro...
- Começo e fim: são incrustados, isto é, já no início o leitor deverá captar algo do epílogo. Mas aí há uma espécie de armadilha, pois o epílogo geralmente pega-o desprevenido, já que vinha sendo atraído por um "mistério" ou um enigma, que agora se resolve(m) de forma imprevisível. Assim, se o início convida e induz, o fim surpreende.

2.3.2.4 A Novela

a) Particularidades:

A palavra *novela*, depois de vários saltos, na Idade Média adquiriu a conotação de "narrativa enovelada".

Para os da Língua Portuguesa, *novela* pode significar "engano", "embuste", "mentira" etc. Mas, sobretudo, depois de tantos retumbantes sucessos populares, primeiro na rádio e agora na televisão, hoje, no Brasil, *novela* remete o significado a uma história longa e sentimental, que não contraria o que de fato é.

A *novela* não tem origens, como o conto.

Teria florescido com as narrações dos grandes feitos de guerras, a partir da França, no início deste milênio, logo se espalhando por outros países, Portugal em particular.

Cada narrador acrescentava às longas narrações que ouvia detalhes que inventava e assim a história do feito ia se alongando, ao sabor do autor e do gosto popular.

Tal e qual, aliás, ocorre nas atuais novelas televisivas...

Novela, em princípio, identifica-se com a classe popular de cultura: destinada a produzir entretenimento, o fio narrativo, elástico sempre, após criar um núcleo central, vai criando situações de pequena duração, as quais interliga àquele núcleo. Tais situações, quais satélites, logo se intensificam, angustiam ou alegram, mas cedo desaparecem, dando lugar a substitutos, quase sempre eventuais também.

b) Estrutura:

- Ação: múltipla (uma série de pequenos dramas, interligados).

- Tempo: poucas referências ao passado dos personagens, ênfase no presente, cujo desenrolar dos atos e fatos, determinará o futuro, que poderá conduzir ao sumiço brusco de cena (morte, fuga, exílio etc.), ou à conquista da felicidade, tão almejada quanto negada em toda a longa e labiríntica narração, mas comedida no minuto final.

- Espaço: há variedade de lugares (paisagens e dependências).

- Linguagem: contempla o diálogo (não pode ser discursiva). Dispensa subentendidos; os dizeres se encerram segundas intenções, estas logo se clarificam, de forma a não onerar o leitor.

- Personagens: ao contrário do conto, na novela não há limite. Até porque, muitos deles visitam fugazmente a narrativa. Contudo, uma ou mais personagens, permanecem, do começo ao epílogo, geralmente, formando "escada" para os acontecimentos que envolvem o núcleo central.

- Trama: sempre acelerada, com muita ação e peripécias, sobrepondo-se, céleres, umas às outras.

- Composição: várias unidades narrativas unindo-se em sentido horizontal, indo sempre em frente; muitas das que ficaram para trás vão desaparecendo, sem deixar vestígios.

- Começo e fim: de início, o leitor precisa ficar cativo à trama, qual se visse a conquista do "paraíso" ou a fuga do "inferno" a poucos passos, ao seu alcance, isto é, de forma embrionária, mental, nasce-lhe um sentimento inconsciente de que a breve tempo isso acontecerá (nos próximos capítulos); já o epílogo, por via de regra, traz a solução de vários "mistérios", que intencionalmente foram cultivados e foram sendo deixados ao longo do caminho... Qualquer que seja o desfecho, o leitor deve sentir-se "recompensado".

Detalhe curioso é que a novela, querendo o autor, pode ter vários “fins”, e também pode prosseguir até o infinito, isto é, depois de “qualquer fim”, poderá reabrir a trama e continuar. Algo assim como o estratagema das mil e uma noites da jovem e bela Sherazade, prisioneira do rei que, para não ser executada na manhã seguinte, cada noite deixava uma história inacabada...

O exemplo só serve pela longevidade de “capítulos superpostos”, pois na verdade, “As mil e uma noites” é uma coletânea de contos árabes, traduzida para o francês por A. Galland, entre 1704-1717.

2.3.2.5 O Romance

a) Particularidades:

Na origem, a palavra *romance* talvez tenha se originado de *romans*, do vocábulo provençal (língua falada na província da antiga Provença, no sudeste da França), por sua vez derivado da forma latina *romanicus* (resultante estropiada do Latim em contato com os povos conquistados por Roma).

No dealbar dos séculos, passou a significar linguagem popular, não clássica.

As epopeias, ao que se pode imaginar, formaram o alicerce do atual *romance*.

Daí ao folclore e às criações literárias ficcionistas, imaginativas, um passo.

Hoje, quando alguém se enfastia ou descrê de uma narrativa real que ouve, declara:

— “*Você está fazendo um romance desse caso.*”

Ou então:

— “*Acho que você anda lendo muitos romances.*”

Noutra circunstância, *romance* pode indicar um namoro:

— “*Fulano está de romance com aquela moça.*”

O *romance*, de modo geral, tem a magia e o encantamento de retratar personagens e vidas, que podem ser as dos próprios leitores, sem que eles, deleitando-se com a fantasia, o percebam.

Nesse aspecto, o *romance* é como um espelho no qual o leitor se mira e, incapaz de ver-se, vê outra pessoa.

De início, otimista que era, o *romance* ofertava ao leitor uma imagem do que ele queria vir a ser ou ter (normalmente, um casamento feliz), mas, a seguir, passou a anexar crítica velada “ao mun-

do" (costumes: diferenças sociais, culturais e financeiras) que, sobremaneira, dificultava a esse leitor essa felicidade.

Sonhadores, idealistas, artistas, se rebeldes, valeram-se do *romance* para nele desabafar o que lhes ia na alma, contudo, expressando-se sob a salvaguarda de se autorretratar num personagem fictício.

b) Estrutura:

Faculdade essencial: recriar ou reconstruir o mundo, sob novos ângulos, segundo os olhos do autor (conceituação particular da existência).

Liberdade: total, sem descambar para a anarquia dos valores éticos consagrados. Fácil entender que o autor viaja a bordo da intuição/imaginação, ao (re)criar personagens e fatos que possam ser identificados em qualquer latitude. Algo assim como uma utópica "unificação evolutiva do Universo"(!).

Entretenimento: é a expectativa do leitor, mas não a única.

Cosmovisão: é a tarefa do autor, que não deve ser por demais intelectual, porque isso prejudicaria o mérito (dele, autor) e o interesse (do leitor).

Ação: nesse ponto, o romance iguala-se à novela, isto é, nele coabitam células narrativas, embora em número menor naquele do que nesta, e de diferentes dramaticidades; a diferença fundamental é que a novela, de núcleos ilimitados, pode prosseguir após qualquer que seja o epílogo, criando infinitas células ("*As mil e uma noites*", já citei, o exemplifica); no romance, isso não acontece: seu fim é definitivo e suas unidades narrativas se resolvem por completo.

Composição: células periféricas, convergentes o tempo todo para um ponto em comum, o núcleo central, tudo isso desembocando num ápice (epílogo) de *grand finale*; alegoricamente, talvez o romance possa ser comparado a um sistema solar, em cujo contexto vários corpos celestes (personagens) e seus satélites (dramas coadjuvantes), orbitam cativos ao sol (drama central do enredo). No romance, não é comum que passados os primeiros capítulos venham a surgir novos personagens. Os que alicerçaram a introdução e início da trama, quase sempre permanecem até o fim, podendo alguns deles ser excluídos em meio à caminhada.

Espaço: no romance, é ilimitado. Os personagens podem expor ou viver suas histórias num interior de casa, escola, hospício, cadeia, delegacia, quartel, hospital etc., como podem viajar bastante. No

primeiro caso (insulamento), há o perigo de a ação ficar algemada, por impedimento de mobilidade; já no segundo (planos físicos polivalentes), o autor correrá o risco de precisar fundamentar cada paisagem e a influência do meio ambiente em cada personagem, o que irá esticar a narração, talvez excessiva, e por conseguinte, cansativamente.

Tempo: se no conto e na novela a ação é cronológica, linear, no romance é de livre criação do autor: passado, presente e futuro são elementos que se alternam e se mesclam, nem sempre ordenadamente. O básico no romance é que o leitor:

1º) Esteja aflito a cada página, a perguntar: "e agora?"; "o que vai acontecer?"; "ele(a) vai conseguir?"; "por quê?"

2º) Identifique-se com um personagem (às vezes até com mais de um).

3º) Tenha a impressão que conhece pelo menos um personagem, "de algum lugar".

Pelo exposto, infiro que o tempo, embora mesclado, tende a ser progressivo, como um rio. A leitura seria como uma canoa nesse rio.

Mas, cautela: misturar épocas é escorregadio: se o autor retroagir fatos, ou projetá-los à frente, para justificar o presente, o texto (o rio) passa a correr em perigoso curso que pode desinteressar ao leitor.

Prosseguindo com a alegoria do rio: voltar ao passado seria criar barreiras para interromper o curso d'água e formar um imenso remanso, ou obrigar um canoeiro (o leitor) a remar contra a correnteza (curso invertido); ao passo que ir ao futuro, seria transformar o curso tranquilo em corredeira, às vezes despencando numa abrupta cachoeira, interrompendo a viagem (a leitura).

Personagens: em princípio, só pessoas devem atuar no romance. Animais, se visitarem o texto, que o seja de passagem e como elementos secundários, jamais, como principais. O romance é, essencialmente, o roteiro de vivências emocionais, polivalentes, no campo físico e mais no psicológico, objeto que os animais pouco têm a ofertar para os leitores. Animais se prestam mais a mobiliar contos.

Quanto ao número de personagens, tal é de livre criação do autor, havendo casos de romances ora com pouquíssimos, ora com inúmeros.

Em linhas gerais, o romance deve contemplar e hierarquizar a importância de cada célula dramática, não sendo fácil concentrar a

narração em reduzidas unidades narrativas. Voltando ao exemplo do rio, diria que se ele não recebe afluentes (células anexas, complementares da trama), tem seu curso morno, pouco alterado, às vezes até perdendo substância ao longo do seu desaguadouro no mar (final do romance).

Linguagem: só posso afirmar que a linguagem, no romance, tem de ser bem elaborada:

1º) sem nenhum desleixo (gírias, clichês);

2º) evitar lugares-comuns, estrangeirismos, pleonasmos e não admitir injúrias à gramática, à ortografia ou à semântica;

3º) dispensar preciosismos estéticos, ou emprego de vocábulos que cansem o leitor de tanto ir ao dicionário;

4º) diálogo: deve ser amplamente contemplado no romance, mas, cuidado: não o diálogo da rotina de todos nós, do dia a dia do autor e sim o que expresse o sentimento das almas dos personagens; por aí se vê como é difícil elaborar um bom romance, nesse aspecto, pois o autor precisa ser multivalente, de ponta a ponta da narrativa; quanto mais diversificar o psiquismo humano no enredo, melhor será o romance; se apenas esse fator for considerado, o romance já pode bem demonstrar qual a competência do autor.

Narrações/descrições/dissertações: embora indispensáveis, não podem ter o privilégio de grandes espaços, pois prejudicam o engajamento dos leitores, que querem continuar “vivendo” com os personagens e não apenas “vendo” onde eles se movimentam; usando sempre o exemplo do rio, uma narração/descrição extensa é como um grande remanso num ponto qualquer do curso do rio, muitas vezes com um redemoinho ao centro, impedindo o canoieiro (leitor) de ir em frente (prosseguir a leitura).

Trama: na maioria dos casos, uma ideologia, uma frustração, uma intriga, com resultantes de tragédia ou comédia — quase sempre tudo isso junto, com doses adequadas à trama —, criam os personagens na mente do autor e os conduzem no fio narrativo do romance.

Coincidências: O bom romancista, embora “crie” as coincidências, para os entrecosques dos personagens nos cenários da trama, delas não abusa. O enredo, que precisa mesmo servir-se de algumas coincidências, encadeia tais coincidências com naturalidade, sem forçar arremessá-las ao exagero “do destino” — *sorte* ou *azar*.

Já o romancista espírita tece a trama e desenrola-a sob as injunções da Lei de Causa e Efeito (vide item 1.6 desta obra).

- Instrumentalidade: a maioria dos romances caminha na impessoalidade dos seus autores, que os narram na terceira pessoa. Empenhados com a ética e a moral, preconizam a vitória do bem sobre o mal. Vai longe o tempo dos romances de epílogos puramente casamenteiros, do tipo: "...e viveram felizes para sempre".

- Epílogo: em quase todas as circunstâncias, nos romances, o enredo produz um enigma que se apodera da atenção do leitor, despertando-lhe curiosidade crescente; avolumando-se a expectativa, o leitor fica como que "preso" à leitura, sentindo dificuldade para deixá-la e ir fazer qualquer outra atividade; no desfecho, com assombro ou alívio, deve ele sentir-se recompensado pelo crédito (tempo de leitura, acompanhamento) concedido ao livro. Na verdade, ao autor.

2.4 Brevíssimas noções de redação

Na sequência dos apontamentos que acabei de apresentar sobre Literatura, imagino que talvez fosse também de utilidade expor algumas das dificuldades que eu próprio encontrei na elaboração de textos. Assim, formulo este capítulo, que não se reveste de "aula gramatical", sendo, antes, um leve bate-papo sobre as complicadas injunções da Língua Portuguesa...

Seria vã pretensão querer apresentar aqui todas as exigências para uma boa redação: só na parte gramatical, por exemplo, as polpudas gramáticas se superpõem, umas às outras, emparelhando-se no atacado, mas apresentando pequenas discrepâncias no varejo, segundo seus autores.

Os mais famosos clássicos da língua portuguesa, submetidos às lentes da análise criteriosa, por especialistas consagrados, não logram aprovação unânime, quanto a determinadas construções frasais.

A própria riqueza da nossa língua induz o escritor a deslizar, muitas vezes, sobre o já citado "fio da navalha", sendo tênue discernir onde está *razão* (o certo ou o errado): se com a norma culta ou com a forma tradicional.

Ademais, como a Língua pertence necessariamente ao povo, ela torna-se dinâmica, na proporção em que o progresso traz fatos novos, que precisam ser nominados, muitas vezes em detrimento de algo já existente.

Tudo isso, sem falar das diferenças culturais do Português do Brasil em relação ao de Portugal e dos outros poucos países que o adotam como idioma pátrio.

Daí elegi, desse pequeno céu idiomático brasileiro (quando falado), mas que se transforma num universo gramatical, ortográfico e semântico (quando escrito), apenas algumas *estrelas*, que são os tópicos relativos à boa construção fraseológica que apresento a seguir.

2.4.1 Estilo

Segundo o padre jesuíta Antônio Vieira (1608-1697), nascido em Lisboa, considerado um dos maiores escritores barrocos da língua portuguesa, o *estilo* há que ter palavras como as estrelas: dispostas com precisão e clareza, para todos verem e entenderem-nas.

É sabido que escrever não é fácil. Exige, no mínimo, algum talento.

Já François M. Arouet, dito *Voltaire* (1694-1778), escritor francês, apregoava que uma única palavra fora do lugar "estraga o pensamento mais bonito".

Leciona Kardec (*O Livro dos Médiuns*, Cap. XVI, nº 197) que quanto mais segurança puder oferecer o médium psicógrafo, tanto mais elevado moralmente será o autor espiritual que com ele sintonizará.

Não houvesse outros indicativos, só este já basta para que os médiuns psicógrafos se esforcem em ofertar ao Autor espiritual melhores condições, a fim de que a mensagem doutrinária possa fluir na trilha literária com poucos obstáculos.

Vou exemplificar, quanto a esses tais "obstáculos":

Num determinado Centro Espírita havia um médium psicógrafo dedicado, sincero, pontual e assíduo às reuniões mediúnicas. Trabalhava com verduras e era de poucas letras. Certa vez, um Espírito passou-lhe a seguinte mensagem telepática:

"Numa alvorada muito calma, com a relva ainda orvalhada, amigos espirituais se reuniram para orar."

Captando a dita mensagem, o médium sapecou:

"Antes do almoço, um grupo de pessoas foi na horta para comprar verduras; no íntimo, pediam a Deus encontrar repolhos bem fresquinhos."

Não tenho também a pretensão e menos ainda a competência para, neste opúsculo, ensinar estilo, porque estilo é faculdade que se

aprimora, mas não é transferível. Cada pessoa tem o seu e nisso (diversificação estilística) reside a graça e a beleza da Literatura.

Não obstante, assim como nas demais Artes, também na Literatura existem técnicas enunciadas e aprimoradas ao longo da existência humana sobre a Terra, que facilitam a melhoria das obras já realizadas.

Relaciono (de forma sumária) algumas dessas técnicas, não apenas sobre *estilo*, mas, também, quanto à imagem final da obra:

2.4.1.2 Apresentação do Trabalho (forma)

a) Títulos e subtítulos devem ser grafados em caixa alta (redação, itálico ou negrito) ou caixa alta e caixa baixa (redação, itálico ou negrito) e sem ponto final.

b) É elegante, mas não obrigatório, que o início da narração de cada título seja capitulado. *Capitular* é aumentar sensivelmente o tamanho da primeira letra da primeira palavra da frase. Existem várias formas de realizar essa tarefa. Mostro uma:

Certa vez uma família reuniu-se para orar. Seus membros eram espíritas e tinham o salutar costume de realizarem em seu lar, com a presença de todos, o denominado "culto do Evangelho no lar". Nesses momentos de prece, suave clima de paz brindava-os. Quase se poderia afirmar que Jesus, como convidado, ali estava...

c) Nas mudanças de cenário, de tempo ou de espaço, é recomendável deixar uma linha em branco, o que, subliminarmente, estará informando ao leitor que houve tal mudança.

2.4.1.3 Frases

As frases de um texto podem ser apresentadas de várias formas.

Na escolha de cada uma dessas formas reside a diferença entre os autores...

Para a apregoada simplicidade do texto, contudo, eis alguns conselhos, que extraí de consagrados estudiosos:

a) Contemple a *ordem direta*, tão decantada e ensinada nos albores dos bancos escolares (sujeito + verbo + complemento). Ex:

"Maria (sujeito) pediu (verbo) ao marido para ir à padaria buscar leite (complemento)."

E não:

"O marido, a pedido de Maria, de buscar leite, foi à padaria."

b) Use sempre as construções fraseológicas mais simples e esclarecedoras.

Substitua, por exemplo, "com o objetivo de" por "para":
"O técnico convocou os jogadores com o objetivo de repreendê-los."

"O técnico convocou os jogadores para repreendê-los."

c) Reduza ou substitua palavras com ganho do sentido:

"Dentro de mais alguns instantes deve começar a cair chuva."

"Estava um dia muito, muito quente."

"Um dos melhores tenistas do mundo."

Escreva simplesmente:

"Vai chover."

"38 graus à sombra."

"Segundo tenista do mundo."

d) Palavras: use as mais simples. Substitua:

"o parlamentar" por "o vereador".

"obviamente" por "é claro".

"diligenciar" por "esforçar-se".

"auscultar" por "sondar".

"unicamente" por "só".

e) Na elaboração frasal, surgem problemas para aqueles que não estão acostumados a lidar com determinadas *armadilhas* que só podem mesmo serem evitadas com a prática da escrita. Nunca será demais estar atento a algumas delas:

Frases fragmentadas:

Um dos erros mais primários em redação é pontuar frases incompletas, fragmentando a oração. Ex:

Errado:

"Fiz um teste para o emprego. Que me interessava."

"Nasci em Igarapava. Uma cidade paulista."

Certo:

"Fiz um teste para o emprego que me interessava."

"Nasci em Igarapava, uma cidade paulista."

Frases siamesas:

Outro erro primário: duas frases completas, escritas numa só. Em muitos casos, a boa pontuação ou mudança verbal o corrige. Ex:

Errado:

"O goleiro ficou triste pelo gol perderia a posição."

"Almocei depressa poderia assistir ao programa na televisão."

Certo:

"O goleiro ficou triste pelo gol: perderia a posição."

"Almocei depressa para poder assistir ao programa na televisão."

Paralelismo:

O paralelismo, segundo antiga convenção da linguagem escrita, é a apresentação de ideias similares na mesma forma gramatical.

Com isso, a frase fica mais clara, mais cristalina.

O paralelismo, no caso, faz com que *locução nominal*, *verbo* e *reduzida de infinitivo*, sejam apresentados com idêntica hierarquia quanto à função e à construção gramaticais. Ex:

"O patrão mandou o empregado fechar a porta e que guardasse a chave."

"Na rua, ele mostra calma, ser paciente, confiança e não ter insegurança."

Tornando as frases paralelas (mais claras), teríamos:

"O patrão mandou o empregado fechar a porta e guardar a chave."

"Na rua ele mostra calma, paciência, confiança e segurança."

Ambiguidade:

Ocorre quando a frase tem mais de um sentido.

Às vezes, o leitor "decodifica" o sentido principal, mas quase sempre não o consegue. Aí, a frase está perdida...

Só há um jeito de evitar ambiguidade: escrever frases simples.

Exemplos:

1. *"Ele comeu as frutas que comprou ontem."* (Comeu ontem ou comprou ontem?)

2. *"Ele foi ao carro quando chegou."* (Quem chegou: ele ou o carro?)

3. *"Voltando, as pessoas viam os animais."* (Quem voltava: as pessoas ou os animais?)

4. *Maria disse à colega que ela não viajaria.* (Quem não viajaria: Maria ou a colega?)

Simplificando as frases, teríamos:

1. *"Ontem ele comprou frutas e depois as comeu."*

2. *"Quando o carro chegou, foi nele."*

3. *"Na volta das pessoas elas viram animais."*

4. *"Maria disse à colega que ela, Maria, não viajaria."*

2.4.2 Pontuação/Sinais/Traços

a) Ponto de interrogação (?): não cometa o terrível engano de colocar interrogação no título; o leitor é que deve perguntar, e o texto responder. Exemplificando:

O título "*O Espiritismo Aprova a TVP?*", deve ser substituído por "*TVP à Luz do Espiritismo*".

(A mudança do título visa excluir o sinal de interrogação, sem perda da mensagem do título, permanecendo, contudo, o interesse para despertar o eventual comprador.)

Nesse caso, antes de ler, o leitor já sabe que sua pergunta estará respondida no livro. Por outro lado, se surgir uma pergunta no meio do texto, jamais a deixe sem resposta;

b) Ponto de exclamação (!): evite, use palavras fortes, que o dispensem; use-o apenas em caso de exaltações, do tipo: "*Deus é Amor!*"; "*A caridade do Mestre Jesus nunca abandona o réprobo!*".

c) Dois pontos (:): sinal utilizado para anunciar uma citação, declaração, explicação, consequência etc. Ex: "*Espiritismo: alvorada moral para a humanidade.*"

d) Aspas (" "): melhor não usá-las, se há dúvida. De modo geral, são usadas em todos os trechos de transcrições, em apelidos (apenas de personagens fictícios), nomes de animais, ou para ressaltar palavra ou expressão; ex: *Allan Kardec*, "*o codificador*".

e) Grifo: para caracterizar títulos de obras, destacar uma palavra ou frase, para nomes científicos. Há várias formas de grifar: com **negrito**, com *itálico*, com sublinhado. Em qualquer hipótese, só grife de uma forma.

f) Travessão (—): é um traço que abre diálogos; não deve haver mais de uma oração intercalada com travessão numa mesma frase. É usado também para ligar palavras ou grupo de palavras que formam, por assim dizer, uma cadeia na frase.

Ex: "Quando amanheceu — logo ao acordar — ela sentiu o Sol acariciar-lhe o rosto."

Cuidado: é muito comum confundi-lo com o hífen: travessão (—); hífen (-);

g) Hífen (-): é também um traço, mas de união dos elementos das palavras compostas.

Ex: "*Amo-te, ó lindo beija-flor!*". *Belém-Brasília*.

h) Parênteses (): sinais que servem para encerrar frases conexas ao sentido do período, mas distintas e separadas dele. Ex: "*Allan*

Kardec (cujo nome verdadeiro era Hippolyte Léon Denizard Rivail) *codificou o Espiritismo*”.

2.4.3 Números

a) Em quaisquer circunstâncias, tenha o maior cuidado com eles, conferindo sua exatidão:

Idades, datas, porcentagens, medidas, cálculos, distâncias;

b) No caso dos algarismos romanos, não é difícil que ocorram graves equívocos cronológicos.

c) Num romance, por exemplo, é indispensável que o acompanhamento do tempo seja conferido, à parte, em anotações progressivas. Um fácil modelo de acompanhamento progressivo de um programa é o chamado gráfico PERT-CPM⁵, desenvolvido em 1956 pela Marinha dos EUA. Consiste numa técnica de relacionar datas e eventos de certa duração, que se interligam, os quais são representados em gráficos horizontais e paralelos, possibilitando visualização global e instantânea da situação. Pode parecer complicado, mas não é: basta que haja pequeno treino e logo a utilidade dessa providência surgirá. Por exemplo:

- no caso de personagens: cada linha corresponderá a um deles; o comprimento da linha poderá ser feito em escala de milímetro ou centímetro, cada uma dessas medidas valendo um mês, um ano, um decênio e assim por diante; de acordo com o comprimento da linha é fácil verificar-se a idade do personagem;

- no caso de ações ou situações: cada linha do personagem terá uma linha paralela, em cor diferente, enunciando a cronologia dos acontecimentos e dos agentes.

2.4.4 Vultos Históricos

a) Tais citações, se houver, deverão sempre ser seguidas do nome completo, data de nascimento e morte, se for o caso (só os anos), acompanhadas por breves informações biográficas. Ninguém é obrigado a saber quem é ou foi a pessoa citada. Quando são muitos os personagens citados, é comum que as respectivas informações pessoais constem ao final do livro.

⁵ PERT = sigla da expressão inglesa *Program Evaluation and Review Technique* (técnica de revisão e avaliação de programa). CPM = outra técnica relacionada a programas PERT, que divide as fases de um determinado projeto ou empreendimento em eventos e atividades, também representados graficamente no diagrama PERT (ou CPM)

Assim, em vez de:

"Kant, pesquisando sobre os limites da sensibilidade e da razão..."

"Emmanuel oferta-nos uma história real dos primeiros tempos do Cristianismo, na obra 50 Anos Depois."

Deve-se registrar:

"Immanuel (Emanuel, em português) Kant (1724-1804), filósofo alemão, autor de consagradas obras de filosofia, pesquisando sobre os limites da sensibilidade e da razão..."

"Emmanuel, Espírito iluminado, pela psicografia do médium Francisco Cândido Xavier, no livro 50 Anos Depois (1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1940), oferta-nos uma história real dos primeiros tempos do Cristianismo."

2.4.5 Verbos *dicendi*

Parece coisa complicada, mas não é: trata-se dos verbos que dão vida aos diálogos.

(Bom recordar que a leitura de um romance se tornará agradável e fácil para os leitores, se nele encontrarem mais diálogos do que descrições.)

Assim, *verbos dicendi* são os verbos que antecedem ou se seguem a uma pergunta ou a uma afirmação, ou resposta. Por isso mesmo, são de largo emprego. O verbo dizer, o mais simples e mais claro dos verbos *dicendi*, se for muito utilizado, cairá na mesmice e provocará tédio ao leitor, pois o texto ficará monótono e frio.

O escritor deve diversificar, adequando:

dizer / afirmar / exclamar / perguntar / responder / redarguir / confirmar / falar / expressar-se / prosseguir / seguir / intervir / retrucar / apartear / elucidar / interrogar / continuar / exortar / conclamar / insistir.

Há outros. O escritor deve utilizá-los.

Além da repetição de verbos *dicendi* é preciso também verificar o abuso de substantivos que geram a mesmice.

Mostro, então, um pequeno exemplo de mesmice (diálogo entre dois irmãos, Paulo e Maria):

Vendo Maria chorar, Paulo perguntou-lhe:

— Por que choras, Maria?

Maria respondeu a Paulo:

Estou muito triste.

Paulo citou a caridade de Jesus e perguntou-lhe:

— Posso ajudar-te? Posso aplicar-te um passe?

Maria respondeu a Paulo:

— *Ficarei grata.*

(Faça as contas das repetições.)

Esse breve diálogo poderia, por exemplo, ficar assim:

Vendo-a chorar, Paulo perguntou:

— *Por que choras, minha irmã?*

Maria respondeu-lhe:

— *Estou muito triste.*

O jovem citou a caridade de Jesus e ofertou:

— *Posso ajudar-te, com um passe?*

A moça, grata, anuiu.

Como se observa, refazendo o texto, houve diversificação tanto de *verbos dicendi*, que grifei, quanto de substantivos.

2.4.6 Adjetivos e Advérbios

Só use o necessário. Cuidado com as ênfases, quase sempre desnecessárias.

a) Não permita uma enxurrada de palavras terminadas em “mente” (*inutilmente, favoravelmente, incrivelmente, demasiadamente, profundamente, intensamente, naturalmente, cansativamente...*).

Quando o texto está digitado, é fácil identificar o número de vezes que esse sufixo é empregado, bastando utilizar (no computador, por exemplo, no Editor de Texto *Word*) o comando “editar” e “localizar” e citá-lo.

b) Substitua as frases pomposas e recheadas de adjetivos, como por exemplo:

“O texto, naturalmente belíssimo, continha substantivos sólidos e verbos exatos.”

Por:

“O texto era belo.”

c) Não menospreze ou olvide a inteligência do leitor. Assim, num outro exemplo, se o texto informa que um personagem “está triste”, não precisa acrescentar que “sua alma estava profundamente angustiada”. O leitor capta o clima e imagina o íntimo desse personagem.

d) Empolgado com seu texto, por vezes o escritor comete exageros, que devem ser evitados.

Substitua:

“peço-lhe mil perdões” por *“perdoe-me”*.

“milhões de pessoas” por *“multidão”*.

"já disse duzentas vezes" por "repeti".

e) Tome muito cuidado com o vocábulo "mesmo", que tanto pode ser advérbio ou adjetivo.

São tantos os empregos desse vocábulo que quando se tratar de substantivo (pessoa) será prudente não empregá-lo e sim usar o pronome pessoal. Exemplificando:

"Luiz emprestou-me dinheiro. No dia seguinte paguei ao mesmo."

Melhor será:

"Luiz emprestou-me dinheiro. No dia seguinte paguei-lhe."

2.4.7 Repetições

É comum que numa mesma frase estejam algumas palavras repetidas: *mas / que / sem / pois / eis / além disso / de qualquer (alguma) forma*, e outras. Corte-as, ou use sinônimos. Exemplos:

"De alguma forma, ele ficou feliz, embora desconfiado, mas não porque ela concordou, mas sim porque, embora ela o amasse, de alguma forma, não demonstrou interesse."

As palavras sublinhadas são repetição. Suprimindo-as ou substituindo-as, teríamos:

"De alguma forma, ele ficou feliz, embora desconfiado, não porque ela concordasse, mas sim por amá-lo sem demonstrar interesse."

2.4.8 Abreviaturas

Recomenda-se que sejam evitadas, quando o texto é corrido. Mas, para as formas cerimoniosas de tratamento, não tem jeito: o melhor é consultar a gramática ou um bom dicionário. Abaixo, alguns exemplos de como administrar a vontade de abreviar.

Evitar: "Bebi $\frac{1}{2}$ l d'água". / "Dirigi o carro por 32 km".

Melhor: "Bebi meio litro de água". / "Dirigi o carro por trinta e dois quilômetros".

Quando uma grandeza ou medida aparece várias vezes, pode ser abreviada após a primeira citação por extenso, de uma ou outra.

2.4.9 Pleonasmos

Repetição de palavras que têm um mesmo sentido, seja por redundância (*descer para baixo, subir para cima, sair para fora*), seja semântico (vi com meus olhos). Só aceitáveis por estilo. Ex: *ambos os dois*.

2.4.10 Vícios de linguagem

Hilariantes, quando falados; trágicos, se escritos...

Cacófato: sugestão de palavras descabidas em encontros de palavras sem pausa (uma mão, ela tinha).

Técnicas de redação:

Existem muitos livros sobre o assunto, mas, particularmente, recomendo um, de agradável leitura e fácil assimilação das ideias, propostas pelo consagrado autor escritor italiano Umberto Eco: *Como se Faz Uma Tese*, 14.ed., São Paulo, Perspectiva, 1998.

Mesmo referindo-se à feitura de Teses, a obra traz ricas sugestões de como elaborar textos em geral, instruindo e educando com saudável humor.

PARTE III

3

O LIVRO ESPÍRITA **Publicação**

Tão somente com o intuito de informação, registrarei a seguir alguns ângulos materiais, práticos, técnicos e utilitários relativos ao livro espírita.

Jesus ensinou que “nem só de pão vive o homem”. Com o maior respeito, aproprio-me desse ensinamento e digo que “nem só de espiritualização vive o livro espírita”.

Naturalmente, este capítulo não deve ser considerado como diretriz, sendo, antes, um bate-papo entre novatos e quem já vivenciou essas fases materiais relativas ao livro espírita. E como todo bate-papo, este não deve ter prioridade no contexto desta obra.

3.1 Encaminhamento Para Publicação

Quando o médium psicógrafo e o autor (novatos) estão com o livro pronto, é-lhes de pleno direito que queiram vê-lo publicado. É algo assim como o pai que quer ver seu filho vencer.

Contudo, sabendo-se como a tiragem inicial é sempre custosa e que nem todas as obras são editadas, visitam-lhes não poucas preocupações.

A primeira dificuldade para eles, ainda desconhecidos, é saber a qual editora remeter uma cópia da obra e solicitar a edição.

A sugestão que apresento, baseada em minha vivência, é que visitem uma livraria ou banca de livros espíritas e anotem o nome e endereço das editoras com as quais tenham condições de entrar em contato. Outra excelente fonte de endereços são os catálogos gratuitos das distribuidoras de livros espíritas ou das próprias editoras.

De posse dos endereços, elaborem uma carta para cada editora (pode e deve ser tentado contato com várias), consultando sobre o interesse delas em receber a cópia do livro. Dessa carta deverá constar uma sinopse do livro, os dados pessoais do autor ou médium, endereço do Centro Espírita que frequenta etc.

Querendo (e podendo, pois é caro), já na primeira carta pode ser dispensada a sinopse e ser remetida a cópia... Uma para cada editora...

Nesse preciso ponto, impõe-se o exercício da paciência e da fé no Plano Maior, quanto à prosperidade da obra. O médium e o autor, então, no aguardo da resposta, deverão manter viva a esperança, alimentada esta por preces diárias.

As respostas, em geral, acontecem em mais ou menos 100 (cem) dias e podem trazer duas vertentes: obra aprovada ou não. No primeiro caso, os contatos passam a ser efetuados amiúde, por iniciativa da editora; aí, após assinatura do "Contrato de Cessão de Direitos Autorais", autor e editora vinculam-se legalmente.

No caso da resposta demorar mais de três meses, nova carta deverá ser dirigida, solicitando definição. Não prosperando essa iniciativa, é provável que a obra não foi aprovada e que a editora não quer se dar ao trabalho de informá-lo.

Não é hora de desanimar: é hora de contatar novas editoras, eis que certa vez, quando vivenciava esse clima, um Amigo espiritual lecionou-me:

"O sucesso é a soma das tentativas."

Nunca mais esqueci ou esquecerei essa verdade...

Ademais, se a obra não alcançar mesmo edição, ainda assim a fé na Justiça Divina ensejará oportunidades para novas providências, para novas realizações.

O importante é perseverar!

3.2 A Revisão

Apenas como informação, eis meu procedimento quando concluo um livro: antes de remetê-lo para publicação, realizo duas ou três revisões bem atentas e como o texto está digitado, utilizo o recurso informático da "revisão ortográfica" que o computador oferece.

É incrível, mas mesmo assim várias incorreções permanecem invisíveis...

Isso porque ao revisar a própria elaboração, é compreensível que um erro de base permaneça, pois a mente não o capta; quanto ao computador, ele nem sempre tem 100% de vocábulos registrados e mesmo os que estão anotados, por vezes também apresentam falhas ortográficas. Além do mais, a revisão informatizada do idioma, não contempla a concordância gramatical, fonte de tantos e tantos senões...

Por essas e outras, *antes da edição*, os autores espíritas (ou médiuns psicógrafos) devem, sim, deixar em aberto aos críticos e revisores, sugestões e críticas das obras que contenham sua participa-

ção. Humanos, cometemos erros, todos nós. Mas, a humildade cristã não permite mais o melindre, mormente quando alguém sugere melhoria do trabalho. Aceitá-la ou não é opcional, mas agradecer é dever que a gratidão recomenda.

Sei que em várias Editoras Espíritas há uma equipe de revisores e analistas de livros, objetivando impedir que sejam editadas obras doutrinárias que colidam com a ética, mas, principalmente, com a pureza da Doutrina dos Espíritos.

Por “pureza doutrinária” entendo contê-la as obras que necessariamente se assentam e erguem-se sobre o irretocável alicerce kardequiano, construído, este, sob supervisão de Jesus!

Além disso, tais Editoras – felizmente, a maioria – primam para que suas edições sejam modeladas em linguagem perfeita.

Monteiro Lobato (José Bento Renato), consagrado escritor brasileiro (1882-1948), foi também editor de livros inéditos e autor de importantes traduções. É dele esse conselho:

“A luta contra o erro tipográfico tem algo de homérico. Durante a revisão os erros se escondem, fazem-se positivamente invisíveis. Mas assim que o livro sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiros sacis a nos botar a língua em todas as páginas. Trata-se de um mistério que a ciência ainda não conseguiu decifrar.”

3.3 A Tiragem (nº de exemplares editados)

Quando uma Editora Espírita lança uma primeira edição com elevada tiragem, longe de ser *uma alucinação*, tal fato traz em seu bojo cores de novos tempos, em que o nosso Brasil começa a desenhar uma alvissareira paisagem literária, com esse expressivo número de leitores interessando-se por livros espíritas.

Não cabe crítica ao grande número de exemplares de uma publicação espírita.

Recorde-se que Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Deolindo Amorim, J. Herculano Pires, e outros, se não tiveram a primeira edição de seus livros com dezena ou centena de milhares de exemplares, as repetidas edições de suas úteis obras são realidade. E as reedições não cessam...

Chico Xavier — o médium integral —, em setenta e três anos de mediunidade (!) psicografou quatrocentos e dezenove livros, de autores iluminados, dos quais resultaram centenas de edições, que somadas, perfazem cerca de vinte e cinco milhões de exemplares. (Revista *Época*, 20 nov. 2000)

Quem pode ajuizar os benefícios espirituais resultantes?!

3.4 Da Produção ao Consumo

Há uma lei de mercado, certamente a principal quanto à produção, determinando que aquilo que for produzido só dará lucro se for consumido.

Parece óbvio, mas tem sido uma grande dor de cabeça para muitos produtores...

Em outras palavras, exemplificando: não prosperará a indústria cujos produtos não forem vendidos. Simples, não?

Tratando-se do processo de *oferta e demanda*, em geral, para o bom resultado, agora na ponta final da atividade, aplica-se outra lei, de apuração, embutida na rubrica "custo-benefício", onde o *custo* compreende a fase material (gastos), e o *benefício*, a fase moral (vendas e satisfação dos clientes).

Da produção ao consumo, qualquer produto passa por fases intermediárias, compreendidas pelas leis de seleção e compra da matéria-prima, instalação de maquinário e dependências, estocagem, produção e distribuição no atacado, para redistribuição no varejo. Finalmente, a venda individual, para uso ou consumo.

Se for estabelecido um paralelo do automóvel ao livro espírita, utilizando ambos como exemplo próximo daquilo que expus acima, ter-se-á que:

- não basta produzir um veículo, de um determinado modelo: anualmente, no mínimo, novos modelos têm de ser ofertados aos consumidores;

- o livro espírita também segue aquele roteiro de ampliação de conhecimentos e a fase evolutiva planetária exige que novos livros sejam lançados, não necessariamente um por ano, mas, por exemplo, é exigência da maioria dos quase 200 Clubes de Livros Espíritas (CLE), que haja lançamentos mensais.

Disse que o exemplo é próximo porque, na maioria dos casos, o mesmo automóvel é utilizado por muitos anos pelo dono, ao passo que o livro, espírita ou não, uma vez lido, por via de regra é relegado. Se o leitor gosta de ler (caso dos associados dos Clubes de Livro Espírita [CLE]), o jeito mesmo é renovar as ofertas, incessantemente, mês a mês.

Formando juízo de valor, espelho da realidade, se o automóvel, qualquer que seja o modelo, marca ou ano de fabricação, sempre terá um chassi sobre o qual se assentam carroceria, eixos, motor

etc., o livro espírita, em paralelo, também tem um indispensável “chassi”, sobre o qual deve assentar-se a mensagem doutrinária: o legado kardequiano, que compreende as cinco obras básicas do Espiritismo.

Ausente tal condição, o livro já não será espírita...

3.5 As Editoras

A edição de livros, grosso modo, segue o modelo econômico do item anterior.

Contudo, particularizando o enfoque, trazendo-o para a observação dos livros espíritas no Brasil, aí se defronta com uma realidade que comanda, se é que assim posso me exprimir, o atual mercado livreiro de obras espíritas.

Data do século há pouco findado, a eclosão de Editoras Espíritas (EE), as quais, se na primeira década daquele século (Séc. XX) seu número não alcançava os dois dígitos (dezena), na última, ultrapassou a centena.

De fato, existem cerca de 100 (cem) EE, além de aproximadamente 60 (sessenta) outras empresas, que não podendo ser consideradas EE, contudo editam alguns livros espíritas. Cabe aqui esclarecer que, para ser considerada uma Editora, pela Câmara Brasileira do Livro, há necessidade de uma firma (pessoa jurídica) editar, no mínimo, 5 (cinco) livros/ano. Assim, será considerada *editora* aquela firma constituída dentro da lei fiscal e que editar pelo menos cinco livros por ano, devidamente catalogados naquela Câmara, para só então colocá-los à venda pública.

Nesse contexto, não dificulta ao raciocínio entender que todas as EE, só poderão sobreviver se operarem com margem equilibrada de operacionalização financeira (eufemismo para *lucro...*), isto é, editar livros que sejam vendidos.

3.6 Os “Clubes de Livros Espíritas” (CLE)

De alguns anos para cá, paralelamente ao aumento da publicação de obras espíritas, os “Clubes de Livros Espíritas” foram criados e se multiplicaram rapidamente. Esses Clubes são, por via de regra, administrados por voluntários dos Centros Espíritas.

Aliás, também os CE vêm instalando minilivrarias em suas dependências, ofertando livros espíritas a preços mais baratos do que aqueles das livrarias em geral.

Graças a um e outro fator, num salutar “efeito cascata”, o livro espírita viu-se visitando praticamente todos os recantos brasileiros.

Assim, cartesianamente interligados, autores ou médiuns + livros espíritas produzidos + editoras + CLE + pequenas livrarias dos CE + leitores, formam, hoje, um imenso painel, das ordenadas comerciais há pouco referidas (sobre os automóveis... e o livro), com a resultante da divulgação do Espiritismo, numa sublime abscissa.

3.7 A Realidade da Editoração Espírita

No pressuposto de que:

a) as cerca de 100 (cem) EE precisam realizar um número razoável de lançamentos, a cada ano, fazendo ampla divulgação, para prosperarem as expectativas;

b) os cerca de 200 (duzentos) CLE, por via de regra, ofertam aos associados 1 (um) livro, por mês;

c) os CLE obtêm os lançamentos quase que a preço de custo e os revendem aos associados com margem de lucro que viabilize sua manutenção e até mesmo proporcione recursos para obras assistenciais do CE;

d) algumas EE lançam também livros espiritualistas, isto é, não necessariamente espíritas;

e) as EE editam em média 2 (dois) livros espíritas/ano e praticamente todas fazem oferta da edição inicial deles aos CLE, no pressuposto de que os leitores associados farão sua divulgação, naquilo que se denomina “boca-a-boca”, elogiando-os a conhecidos, daí resultando vendas de reedições para as livrarias e às distribuidoras em geral, agora a preço lucrativo.

Resultará que:

a) no Brasil, hoje, estão sendo lançados anualmente cerca de 200 títulos espíritas inéditos (100 EE x 2 livros/ano, cada);

b) os CLE têm à sua disposição, para escolha de repasse aos associados, cerca de 16 (dezesseis) títulos inéditos, a cada mês – $200 \text{ livros/ano} \div 12 \text{ meses} =$; esse número de ofertas pode ser menor, pois aqui não estou afirmando, mas sim, apenas imaginando cálculos aproximados e conjecturas;

c) ainda em razão desses cálculos, já se pode deduzir que a tarefa das EE não é fácil, nos dois elementos da equação:

Consequências:

a) a principal consideração a ser feita sobre o quadro que acabei de pintar é de ordem moral: queda da qualidade do livro espírita, a

despeito de todo o cuidado dos editores e da sinceridade dos autores;

b) consta que a maioria das EE recebe uma grande quantidade de originais de livros ditos espíritas, muitos dos quais não resistem à menor análise doutrinária; e mais: quando aprovados doutrinariamente, pouquíssimos são os livros que resistem à análise gramatical, demandando ainda cuidadosa revisão ortográfica;

c) talvez não seja exagero de minha parte conjeturar que a cada livro novo que surge nas hostes espíritas, outros três são reprovados;

d) como estão sendo lançados cerca de 200 (duzentos) títulos/ano, nada objeta inferir que mais ou menos 100 (cem) autores ou médiuns os produziram (imaginando-se que, um pelo outro, seja autor ou médium, cada um produza dois livros/ano);

e) afirmo que vejo com muita alegria o surgimento de tantos escritores e médiuns, novatos uns, iniciantes outros; contudo, embora posicionados ao lado deles, sou daqueles que elegem a *qualidade*, em detrimento da *quantidade*.

Exemplos de *qualidade* com *quantidade* em médiuns produtivos são raros.

Ocorrem-me dois:

- Chico Xavier: mais de 400 livros psicografados (!).

- Divaldo Franco: 182 livros psicografados

(Os cálculos e as quantidades deste item [nº 3.7] são estimativos, e não, absolutos; referem-se ao ano de 2.000.)

3.8 Administrando as Críticas...

*"Se tua obra não é reconhecida, não sofras:
vede o Sol, que toda manhã oferta graciosamente
o maior espetáculo da Terra...
e no entanto metade da plateia está dormindo"⁶.*

A maior obra moral do planeta Terra foi realizada por Jesus! No entanto, ele foi contestado brutalmente pelos homens. Para nós, espíritas, Jesus é o modelo a ser seguido (questão nº 625 de *O Livro dos Espíritos*). Não deverão o médium psicógrafo ou autor melindrar-

⁶ Desconheço o autor dessa belíssima frase. Penitencio-me da falha, mas não de omiti-la nesta obra. (O Autor)

se diante das críticas ferinas a seus livros, editados ou não. Nenhuma agressão merece revide.

Mas, também, foi Jesus que, *ad infinitum*, alertou aos críticos para só atirarem a primeira pedra se...

Alguns comentaristas espíritas vêm assinalando "erros doutrinários" e "erros de português", ressaltando que alguns livros apresentam: "*linguagem muito pobre; palavras inadequadas; características de composição escolar; centenas de sentenças em que faltam as vírgulas*" etc. Além dessas, há outras críticas mais contundentes que classificam as obras como: "*Plágio*", "*dramalhão de folhetim*" etc.

Não estivéssemos às portas do 3º milênio diria que tal atitude teria o aval do famigerado *Index Librorum Prohibitorum*, instituído no séc. XVI pelos papas, ansiosos por aniquilar as doutrinas heterodoxas; continha a lista oficial dos livros cuja publicação, leitura e venda eram interditadas aos católicos; foi suprimido por Paulo VI, em 1965.

3.8.1 Os Críticos Espíritas

Imagino que ser crítico literário espírita deve trazer para ele, seguramente, uma das mais difíceis opções de atividade intelectual, graciosa, pois no caso de um livro não agradá-lo, ele estará na tênue fronteira que separa a tolerância da condenação.

Jesus declarou que nosso falar fosse "sim, sim" e "não, não" (Mateus 5:37) e fico a imaginar como um crítico deve agir quando, a seu ver, encontra erros doutrinários e gramaticais num livro espírita...

É claro que não deve silenciar, já que optou por essa ingrata atividade.

— Mas, e aí? Como proceder?

— Simples: fazendo exatamente como gostaria que fizessem com ele, caso também participasse da escrita espírita (aliás, já participa: pela própria crítica que está fazendo).

O trabalho de um crítico de obras espíritas pode ser realizado em duas circunstâncias principais: *antes* da publicação do livro, — o que entendo como o melhor momento —, ou *depois*.

Antes: oferecendo-se às Editoras.

Depois: em se tratando de obra publicada, quer me parecer que a conduta mais ética (para não dizer caridosa) será contato direto com Editora e médium, ou autor.

Em ambos os casos, apontar falhas é favor que estará prestando, pois na eventualidade de reedição, serão sanadas. Tanto o editor, quanto o médium ou autor querem ver seu trabalho com o chamado

“erro zero”, isto é, sem falhas, nem gramaticais, nem doutrinárias. Disso não há dúvidas!

Vários leitores apontaram falhas em algumas obras com minha participação. Eu e o meu editor, acatamos a todas! (E antes da publicação, de minha parte faço, no mínimo, três revisões.)

Por essas e outras, o ideal é que a obra seja revisada por várias pessoas, sob diversos aspectos, *antes de ser publicada*. Aí se incluem: o próprio cuidado do autor ou do médium na redação da obra; o zelo da editora quanto às *revisões de conteúdo doutrinário*; a preocupação com a obediência às normas da Língua Portuguesa; e o trabalho minucioso relativo à normalização técnica e à forma de apresentação do livro em consonância com o público a que se destina.

Neste caso, é conveniente que a editora constitua um conselho, ou disponha de uma equipe, para fins de definição de uma política editorial e revisão das obras que pretenda publicar. É recomendável que a própria editora submeta o livro ao exame de pessoas que conheçam o assunto doutrinariamente, ou dependendo da natureza da obra, a especialistas com conhecimentos técnicos, caso tais pessoas já não sejam integrantes do referido conselho editorial.

Todavia, essa não parece ser, ainda, uma prática comum na realidade do mercado editorial de obras espíritas. Decorrencia disso é a publicação de livros que precisam ser melhorados em termos de conteúdo e de forma.

Nesse contexto de obras já publicadas e que reclamam melhorias ou correções entra, também, o trabalho dos críticos. O primeiro papel de todo crítico é, evidentemente, o de ler a obra que será objeto de avaliação. E, em minha opinião, mesmo que o livro apresente imperfeições ortográficas, gramaticais e semânticas, não deve ser condenado nem descartado, de imediato. Convém verificar:

— Qual a mensagem principal (auxílio espiritual) do livro?

— Há acertos doutrinários ou só foram encontrados senões?

— Nada que se aproveite, doutrinariamente?

E mais:

— Foi ouvida ou captada a reação de, ao menos, dois ou três leitores, jovens ou adultos, mormente não-espíritas?

— Tem-se ideia de quantos leitores passaram a se interessar pelo Espiritismo após tal leitura?

A crítica deve ser construtiva e realizada com moderação, observando-se os preceitos evangélicos apregoados pelo

Espiritismo. Autores e editores precisam estar abertos para receber as críticas e aperfeiçoar o trabalho no que for pertinente.

Só para compreender quanto é oscilante na literatura o valor de uma crítica desfavorável, cruel por vezes, cito alguns exemplos de incríveis "massacres" que a Revista *Veja* (13 out. 99) estampou:

1) Crítica do filósofo e escritor francês Voltaire, sobre *Hamlet*, de Shakespeare:

"Um drama bárbaro e vulgar, que não seria tolerado pelo mais vil populacho na França ou na Itália. Pode-se imaginar que é a obra de um selvagem bêbado."

Realidade: Shakespeare é o mais conhecido escritor da literatura ocidental. *Hamlet* é sua obra-prima.

2) Crítica de Emile Zola, romancista francês, sobre as *Flores do Mal*, coletânea do poeta Charles Baudelaire:

"Dentro de 100 anos, as histórias da literatura francesa mencionarão esta obra apenas como uma curiosidade."

Realidade: A poesia francesa continua a ter no livro de Baudelaire uma de suas referências básicas.

3) Crítica do editor francês Marc Humblot, ao rejeitar o primeiro volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust:

"Caro colega, talvez eu esteja morto do pescoço para cima, mas por mais que dê tratos à bola não consigo entender por que alguém precisa de trinta páginas para descrever como se revira na cama antes de dormir."

Realidade: Proust consagrou-se como um dos pilares da literatura moderna.

4) Crítica da escritora inglesa Virgínia Woolf sobre *Ulisses*, do irlandês James Joyce:

"Concluí a leitura do livro e considero que é um fracasso. O texto é difuso. É desagradável. É pretensioso. É inculto. Um escritor de primeira linha respeitaria mais a escrita e não lançaria mão de tantos artifícios."

Realidade: *Ulisses* é um dos romances mais inovadores do século XX. Um clássico do modernismo.

5) Crítica do pensador e ensaísta brasileiro Sílvio Romero, sobre Machado de Assis:

"Esse romântico em dismantelo, esse pequeno representante do pensamento retórico e velho no Brasil é hoje o mais pernicioso enganador, que vai pervertendo a mocidade. Essa sereia matreira deve

*ser abandonada... O autor de **Brás Cubas**, bolorento pastel literário, assaz o conhecemos por suas obras, e ele está julgado."*

Realidade: Machado, que já era admirado na época, foi entronizado como o maior escritor brasileiro.

Há mais. Contudo, continuar para quê?

Os exemplos citados já dizem bem de como proceder ante críticas:

a) Em primeiríssimo lugar, ajuizar se o crítico tem razão, nem que seja *mínima razão*; não importa como se manifestou: a questão é definir se, de fato, ele tem razão...

b) Depois, o óbvio: procurar uma forma de corrigir o que estiver mesmo precisando de correção;

c) Se em nada concordar com a crítica, será útil apresentar a questão para uma terceira pessoa, competente o suficiente para opinar;

d) Em qualquer caso de crítica ofensiva, não devolva ao crítico um pensamento negativo; isso, com certeza é difícil, mas nunca será demais recordar de Jesus quando recomendava-nos que "*orássemos pelos que nos perseguem e caluniam*".

Ante uma crítica intolerante, qual o sentimento? Não é a sensação de estar sendo perseguido e caluniado? Então...

(Da resposta, extrair o próximo passo...)

Sem masoquismo. Com educação. Agradeça ao crítico o favor que ele fez, eis que em decorrência, "minha" obra foi otimizada.

3.8.2 "Será Possível?" ...

É.

Pois vejam:

O jornal *A Folha de S.Paulo* (21 abr. 99) noticiou que enviou a seis editoras do país, sem identificar, originais do romance *Casa Velha*, pouco conhecido, de *Machado de Assis* (Joaquim Maria, 1839-1908), um dos maiores nomes da literatura em língua portuguesa.

Resultado: três não responderam, três rejeitaram.

Com o "leite entornado", isto é, divulgada a armadilha, as justificativas se multiplicaram. Mas, convencer-se, quem haverá de?

Ao recusarem Machado de Assis, eis os argumentos que os livreiros brasileiros haviam registrado:

Disse-lhe um:

"O parecer de uma comissão de leitura não lhe foi favorável."

Estimulou-o outro:

“Desejamos sorte nos seus futuros contatos.”

Outro foi mais longe:

“Gostaríamos que você nos enviasse seu endereço.”

A esse, Machado de Assis, se puder, responderá:

“Desde 1908, no Plano Espiritual...”

3.9 Direitos Autorais

Jesus ordenou aos Apóstolos:

“Convocou assim os seus doze discípulos e deu-lhes autoridade sobre espíritos impuros, para os expulsarem e para curarem toda sorte de moléstias e toda sorte de padecimentos.”

A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes ordens: “(...) *Curai doentes, ressuscitai mortos, tornai limpos os leprosos, expulsai demônios. (...) De graça recebestes, de graça dai*”. (Mateus, 10: 5 e 8)”. (Grifo meu.)

3.9.1 O “Direito Autoral” e a Lei

1º) Pela Lei nº 5.988, de 14/12/1973, o direito autoral foi largamente explicitado, obtendo consagração legal, eis que, inclusive, encontrou guarida junto ao texto constitucional. Com efeito, reza o art. 5º da Constituição Federal de 1988, em seu inciso XXVII:

“Aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar.”

2º) Em razão do crescimento do número de atores (teatro, televisão e cinema), grupos vocais (sertanejos, pagodeiros e outros), “bandas”, “trios elétricos”, artistas plásticos (óleo sobre tela, escultores e outros), a breve tempo a Lei 5.988 mostrou-se carente de atualização. Foi promulgada então, em seu lugar, a Lei nº 9.610, de 19/2/1998 (publicada no DOU de 20/2/1998), que a alterou, atualizou e consolidou a legislação sobre direitos autorais e deu outras providências.

Sumamente interessante e útil será a leitura e estudo detalhado dessa Lei, particularmente de dois dos seus títulos:

a) *Título III - Dos Direitos do Autor e*

b) *Título V - Dos Direitos Conexos.*

Nessa Lei, como na precedente, há silêncio pétreo quanto ao direito autoral da obra psicografada...

3.9.2 Certidão de Nascimento do Livro Espírita

Buscando a maior distância possível dos sofismas e dos eufemismos, com cautela e objetivo puro de contemplar a verdade, cuja realidade bate à porta dos médiuns psicógrafos ou escritores espíritas, julgo ser permitido refletir que:

a) O livro espírita, antes de ser editado, demandou tempo na sua feitura, em ambiente próprio; sugiro o Centro Espírita (CE), para a psicografia;

b) No caso de autor espiritual, o médium utilizou as dependências do CE, certamente com dispêndios de manutenção predial;

c) No caso de autor encarnado, a elaboração do livro é mais demorada, ocupando-lhe multiplicadas horas, por vezes em períodos que poderia estar exercendo alguma atividade profissional remunerada;

d) Para dirigir-se à Editora (ou às Editoras...) visando a edição do livro pronto, o médium e o autor, necessariamente, têm gastos, com telefonemas e com os Correios;

e) Considerando que as Editoras preferem receber o livro em disquete, deduz-se que, para tanto, o médium ou escritor utilizaram equipamento de informática;

f) O computador e seus periféricos, sabe-se, custam caro para aquisição, bem como são de manutenção técnica custosa; igualmente há despesas com os periféricos (fita ou cartucho para a impressora, papel, disquete);

g) O custeio resultante da edição e distribuição do livro exigem despesas iniciais a serem pagas, imaginem por quem?...

h) Voltando ao CE: ao que eu saiba, não existe (graças a Deus!) nenhum que não exerça a assistência a necessitados; aqui, sem eufemismos também, o "simples" exercício mediúnico, ressaltando-se a desobsessão, já constitui caridade inestimável; a propósito, assevera o Espírito André Luiz, na lição nº 64 de *Desobsessão*, psicografado por Francisco Cândido Xavier e edição da FEB:

"(...) nenhum pesquisador encarnado na Terra está em condições de avaliar os benefícios resultantes da desobsessão quando está sendo corretamente praticada."

3.9.3 Dinheiro

— Hum...

— Será que convém mexer em caixa de marimbondos?

Vamos lá: seja o que Deus quiser!

Brincadeira ou não, à boca pequena se diz que a parte do corpo que mais dói é o bolso: "mexeu ali, surge a dor".

Muita gente considera o dinheiro "a coisa mais imunda do mundo". Espíritas, então, muitos deles condenam veementemente quase tudo relativo a ele, taxando-o de "coisa completamente fora da ética espírita".

Não é essa a minha opinião. Concordo com Chico Xavier quando afirma que "o dinheiro é como o sangue: em movimento, produz vida; parado, traz trombose" (*Lições de Sabedoria*. São Paulo: Ed. FE, 1996. p.249).

Tratando-se de dinheiro na mão do médium psicógrafo ou do autor encarnado, resultante de livro espírita que tenha tido sua participação (os chamados "direitos autorais"), antes de tudo, anterior a qualquer reflexão, decretam muitos: *culpados!*

Louvam-se tais *juízes* no texto acima ("*De graça recebestes...*").

Feitas estas considerações, comentarei o que penso e o que sinto sobre esse complicado assunto — livro espírita e direito autoral.

Só que vou, não aos marimbondos (ferroadas condenatórias), mas às abelhas (mel da caridade...). Se alguém discordar, por favor, aprecie ao menos minha sinceridade.

São tantos os ângulos envolvidos na questão, que não é possível abordá-los todos, um a um, senão alguns apenas. Para formar um criterioso juízo de valor, muitos outros quesitos teriam de ser focalizados, além do mérito incontestável, eterno e sublime do já citado ensino de Jesus sobre a gratuidade recíproca, na recepção e na doação dos bens espirituais.

Entendo que a lição do Mestre, em se tratando de ajudar ao próximo, tanto na área espiritual, quanto na material, tem aplicação eterna, seja por meio da doação pelo exercício da mediunidade, seja pela doação inclusive de bens materiais.

De fato: considero lamentável a atitude alguém ministrar um passe e cobrar; alguém fazer uma palestra doutrinária e cobrar; alguém participar de uma reunião mediúnica e cobrar; alguém dar alimento, agasalho ou remédio e exigir favores em troca.

Contudo, relativamente ao livro espírita, pode e deve ele ser enquadrado nessa ou naquela latitude?

É o que pretendo responder.

3.9.4 Indenização de Gastos

Abstração feita a quaisquer outras conotações sou de parecer que ao médium e ao autor encarnado, assiste-lhes pleno direito de serem indenizados dos gastos efetuados na elaboração das respectivas obras espíritas, se para tanto não tiverem suporte financeiro.

Porém, se o médium tem vida financeira que dispensa tal indenização, sob a ótica cristã não lhe será prudente captá-la, vez que não lhe faz falta. Nesse caso, sim, prevalece o ensino de Jesus quanto à gratuidade do exercício mediúnic (psicografia) ou da jamais negada e sempre presente assistência do Plano Maior às obras de autoria própria (inspiração ao autor encarnado).

Reduzindo os termos do meu parecer:

1. Quando o médium ou o autor encarnado não podem arcar com as despesas da elaboração dos livros, considero de justiça que a Editora os indenizem desses gastos.

2. Quanto ao complemento dos "direitos autorais" (pois uma vez feita a indenização das despesas de elaboração, com certeza há sobra legal de valor), sua destinação caridosa deverá ser de livre escolha do médium ou autor encarnado.

3. Antes de tudo, será conveniente ao médium ou autor encarnado contemplar o CE que frequenta com parte do direito autoral, uma vez que ali é acolhido no seu labor (se for o caso), disso gerando despesas, mesmo que pequenas; o restante, destinar a Entidades necessitadas. Neste sentido, tenho observado que os Espíritos amigos que acompanham o médium e o autor espírita, respeitando-lhes o livre-arbítrio, mediante solicitação destes por meio de preces, os intuem quanto à melhor destinação caridosa de eventuais repasses financeiros advindos de direitos autorais do livro espírita com sua participação.

4. A Editora deverá entrar em acordo legal com o médium ou autor encarnado e saber dele a qual entidade assistencial será destinada a verba correspondente aos "direitos autorais" que ela, Editora, deve-lhes por Lei (Lei 9.610, de 19/2/1998).

5. Essa doação deverá estar expressa logo nas primeiras páginas do livro, o que caracteriza conhecimento da Entidade beneficiada e a seriedade (e sinceridade) das partes. Em anexo a este opúsculo, apresento, como simples sugestão, um modelo de contrato legal de "Cessão de Direitos Autorais".

6. No caso de a Editora pertencer a um CE, ou se é a própria responsável por assistência social a alguma Entidade juridicamente ins-

talada, aí pode ser acordado que os “direitos autorais” se destinem a esse fim.

7. No caso de empregar os “direitos autorais” em atividade assistencial própria, será de bom-tom que a Editora oferte a indenização devida ao médium ou autor encarnado das despesas que eles fizeram para elaborar o livro, isso porque além da sua devoção, não seria justo que eles se sobrecarregassem de gastos para os quais não têm suporte.

3.9.5 Livro Editado...

Pois bem: considerando todos os passos narrados anteriormente, muitos deles, volto a repetir, passíveis de outros desdobramentos correlatos, avanço um pouco.

Considere-se que o livro — espírita — foi analisado, aprovado e editado. Com ou sem a digitação do texto pelo médium ou autor encarnado. Com certeza, muitos meses se passaram desde que foi escrita a primeira palavra.

Nesse patamar, tanto o médium ou autor encarnado, quanto a Editora, querem ver a obra divulgada, o máximo possível. Parto do pressuposto que ambos os segmentos desse processo têm consciência de que o mais importante é a divulgação do Espiritismo. Da parte da Editora, contudo, o êxito da vendagem é, também, uma questão de sobrevivência comercial.

Ao vender os livros que editou, uma editora tem todo o direito de, ao final, apurar ganho, até porque, não é incomum que uma ou outra obra, dentro do universo editado, não produza o retorno financeiro nela despendido.

Em outras palavras: nem todos os livros são lucrativos, podendo até ocorrer eventuais prejuízos (grande quantidade de exemplares ficarem empilhados nas prateleiras da Editora...).

É provável, mas essa seria outra história, à qual não estou apto a contar, menos ainda afirmar — o que seria leviandade — que talvez haja Editora que só imprima a quantidade de exemplares constantes dos pedidos, justamente visando não arcar com estoque sem perspectiva de vendas. Contudo, mesmo nesse hipotético caso, numa primeira edição, para qualquer número de exemplares, têm de ser feitas despesas (revisões, digitação, diagramação, fotolitos, capa, papel etc.) que não existirão nas reimpressões.

De qualquer forma, a realidade é que o lucro obtido com um livro, eventualmente poderá vir a cobrir aquele outro cuja venda não

tenha prosperado na medida da expectativa ou do gasto com a sua edição.

Se a Editora for departamento de um Centro Espírita, poderá vir a ser a pilastra mestra da sustentação das despesas gerais, incluindo-se eventual assistência às famílias pobres.

Agora: espírita ou não, pois se me refiro a todas as editoras, estou com olhos na atualidade, em que livros espíritas já começam a ser editados por editoras que não são espíritas. Ainda assim a Editora terá sempre emprego para o lucro, seja atualizando seu equipamento, para melhorar a qualidade das próximas obras, seja fazendo ampliações das instalações físicas, seja dilatando sua área de atuação, com a benéfica resultante social de contratar mais funcionários.

Em última análise, tal emprego do lucro caracteriza o salutar movimento financeiro denominado "capital de giro". Por tudo isso, o lucro da Editora deve ser visto como normal, jamais com outro entendimento, que seria distorção da realidade.

Quanto à Editora espírita, em particular, deverá ela ter como mais importante objetivo a divulgação do Espiritismo! Fato que a Editora Aliança bem exemplifica.



Não poderia concluir este capítulo sem remeter os interessados na matéria à leitura do livro *Direito Autoral na Obra Psicografada*, de autoria do confrade Dr. Eliseu F. da Mota Júnior, resultado de sua dissertação de Mestrado, em Curso de Pós-Graduação da UNESP.

A edição é da Editora A Nova Era, Franca, 1999.

A obra é de fôlego!

Nela, Eliseu tem oportunidade de descortinar todo um vasto panorama que até então esteve oculto das vistas legais, como se houvesse brumas jurídicas sobre a mediunidade. O autor, qual atento observador, dirigiu seu sextante e situou no universo do Direito a latitude legal dessa belíssima nuance do Espiritismo (a obra psicografada), determinando-lhe a longitude: o respectivo direito autoral.

Com efeito, digo que as apropriadas considerações expostas naquele livro criaram um *fato novo* no Direito, eis que ao seu empós, nada objetará ao juiz usá-las como embasamento para decisões em eventuais processos tramitando pelo *direito autoral na obra psicografada*.

CONCLUSÃO

4

MÉDIUNS “Modelo” Francisco Cândido Xavier, Yvonne do Amaral Pereira, Divaldo Pereira Franco

Ao encerrar esta obra, estaria falseando a verdade se calasse os sentimentos, a gratidão e as muitas emoções que trago na alma, desde quando conheci algo da intimidade da missão dos médiuns: Chico, Yvonne e Divaldo.

Visitados por toda sorte de dificuldades, a todas superaram, com Jesus!

Injusto seria com os muitos outros médiuns missionários, mas o espaço (que já se alongou demais) não me permitiria abrigá-los aqui e igualmente situá-los, por merecimento, numa hipotética galeria dos seareiros do livro espírita.

Sobre esses três abençoados tarefeiros do Espiritismo, tantas são as obras que os biografam, que me dispense de fazê-lo, reservando apenas fracos comentários sobre seu vitorioso exercício mediúnico, altamente catalisador para os escritores espíritas, médiuns psicógrafos ou autores; principalmente para mim, andarilho de trôpegos passos iniciais na estrada luminosa do Livro Espírita.

Tarefa difícil comentar quais as mediunidades desses três médiuns missionários: têm-nas, praticamente todas!

Ficarei com a psicografia.

4.1 Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) (1910-2002)

♦ Pela obra *Testemunhos de Chico Xavier* (De Suely Caldas Schubert. Rio de Janeiro: FEB, 1986), fica-se sabendo tantas coisas “de bastidores” (testemunhos ocultos) sobre a psicografia dele, que somente leitura e releitura poderão melhor dimensioná-la:

♦ De 1927 a 1931 Chico escreveu poesias, sem saber que eram psicografadas, ou melhor, era uma fase de hesitação, conforme diria mais tarde. Era apenas treino psicográfico. À sua revelia, o irmão José C. Xavier e outros amigos remeteram-nas para publicação no jornal espírita *Aurora*, do Rio de Janeiro, sob autoria de “F. Xavier”, sendo editadas num livro. Por isso, quando terminada a fase de treinamento, Chico passou a colocar o nome dos autores, foi injusta-

mente considerado por algumas pessoas como pastichador (imitador grosseiro);

♦ Seu primeiro livro, de impacto nacional, *Parnaso de Além Túmulo*, publicado pela FEB em 1932, teve sucessivas revisões, alterando-lhe substancialmente o conteúdo; só a partir da sexta edição é que se tornou definitivo.

♦ Houve um profícuo intercâmbio de cartas (de 1943 a 1964) entre Chico e Antônio Wantuil de Freitas, que nesse período foi presidente da FEB; nas cartas, seguiam os originais das psicografias do Chico, para Wantuil analisar, corrigir, selecionar e, em alguns casos, até modificar, excluindo ou acrescentando algo; nessas ocasiões, era comum o Chico consultar o autor espiritual, para decisão, sendo certo que depositava integral confiança na consagrada competência de Wantuil para a revisão geral.

♦ No início dessa correspondência, Wantuil enviou um livro para o Chico, sobre pontuação; em agradecimento, Chico manifestou: "*o livro sobre pontuação que me enviaste, certamente chegará no correio amanhã. (...) Achei admirável a regra-síntese que me deste — não separar o sujeito do verbo e do objeto direto*".

♦ Todos os livros psicografados pelo Chico tiveram os direitos autorais doados por ele a várias Entidades assistenciais, e não somente à FEB:

♦ O exercício mediúnicu trouxe para o Chico todo tipo de dissabores; até bofetões ele recebeu...

♦ Em determinada obra o Espírito Emmanuel fez intermediação entre o autor, de elevada condição espiritual (Veneranda, de *Nosso Lar*) e o médium (ele, Chico).

♦ As obras que psicografou de André Luiz, quanto à vida na Espiritualidade, com detalhes inéditos, tiveram supervisão direta de Emmanuel e do Dr. Bezerra de Menezes.

Há muito mais. Só lendo o livro *Testemunhos...*

Em 2002, Chico retornou ao andar bem acima...

4.2 Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984)

• No seu livro *Recordações da Mediunidade*, editado pela FEB, Yvonne confidencia suas enfermidades e sua "via crucis" no exercício mediúnicu. É obra comovente!

• Sua vida foi, por inteiro, um hino de louvor a Jesus, demonstrando como a força de vontade pode e deve prevalecer na mente

daqueles que, pela autorreforma preconizada pelos bons Espíritos, depure-se de tantas e tantas sequelas trazidas dos muitos *ontens*.

- São poucos os exemplos de criaturas que têm a humildade de confessar seus clamorosos erros do passado e numa epopeia sublime de regeneração, demonstrar como corrigi-los, tal como fez Yvonne, sem jamais abandonar a fé na Justiça Divina, desde que em sua alma adentrou esse entendimento.

- Yvonne escreveu 2 (duas) obras espíritas e psicografou 12 (doze), dentre elas o monumental "*Memórias de Um Suicida*", sublime bênção que fluiu do Plano Maior para a Terra!

Pelo livro *O Voo de Uma Alma* (De Augusto Marques de Freitas, Rio de Janeiro, Edições CELD, 1999, é possível conhecer particularidades da vida dessa notável médium, que só enobrecem-lhe o "mandato mediúnico".

- O autor foi feliz na obra acima. Tendo convivido com Yvonne, seus registros são de inquestionável fidelidade. Ali está registrado que ao desencarnar, essa alma peregrina alçou voo rumo às esferas mais felizes, mas permanece com o olhar voltado para baixo, contemplando-nos e incentivando-nos ao bem.

— Como resistir à emoção profunda?

4.3 Divaldo Pereira Franco

▲ Para falar de Divaldo meu coração pede a palavra e só me resta reproduzir, com pálidas cores, os ecos de admiração, profundo respeito e sincero carinho pelo desempenho missionário que ele, Divaldo, vem exemplificando há mais de meio século, seja como médium de incomparável oratória doutrinária, quanto na psicografia.

▲ Já tendo psicografado mais de 180 (cento e oitenta) livros, com tiragens por volta dos cinco milhões de exemplares, muitas dessas obras foram vertidas para outros idiomas: albanês, alemão, castelhano, dinamarquês, esperanto, francês, húngaro, inglês, italiano, polonês, sueco, checo, turco e Braille.

▲ É de sua criação a Leal (Livraria e Editora Alvorada).

▲ O médium reverteu todos os direitos autorais para a "Mansão do Caminho", que fundou em 1952, num bairro periférico, carente, de Salvador-BA.

▲ Para se ter uma ideia da grandiosidade da Mansão do Caminho, eis alguns detalhes:

- ocupa 83.000 m², tem 43 edificações, sendo que 20 são casais, acolhendo órfãos em regime familiar;

- além das casas-lares, possui escolas, oficinas e cursos profissionalizantes (sapataria, marcenaria, gráfica, padaria, artesanato, tapeçaria, datilografia, mecânica e auxiliar de enfermagem);

- o posto médico-odontológico atende cerca de 30 mil pacientes/ano;

- 3.000 crianças e jovens carentes são atendidos no complexo educacional;

- são atendidas gestantes (850 enxovais/ano);

- creche (150 bebês), jardim de infância (350 crianças), três escolas de 1º grau (1.400 jovens), escola de meninos de rua (75 crianças); três bibliotecas, um laboratório de análises clínicas etc.

▲ Divaldo fundou o Centro Espírita Caminho da Redenção, em pleno funcionamento, atendendo milhares de aflitos, encarnados e desencarnados.

▲ Miguel de Jesus Sardano, amigo e companheiro inseparável de Divaldo, registra no livro *Nas Pegadas do Nazareno*, LEAL, Salvador-BA, de sua autoria:

"O trabalho (do Divaldo) tem sido a tônica marcante de sua vida, não conhecendo ele 'a hora vazia'. Concentrou todo o poder de sua capacidade de trabalho na fé do ideal espírita, que abraça desde adolescente. Sua paixão pelo Mestre Galileu tem sido responsável pelo resultado positivo de sua tarefa apostolar."

Decididamente, Chico, Yvonne e Divaldo são exemplos!

ANEXO

Contrato de Cessão de Direitos Autorais Para Edição de Livros (modelo)

(*Nome do médium ou autor.....*), brasileiro, casado, identificado sob o nº RG/SSP-UF, CPF/MF nº....., residente à Rua, nº....., na cidade deEstado de, de ora em diante denominado AUTOR; de outra parte, (*Nome da Editora.....*), com sede à Rua....., nº....., na cidade de, Estado de, aqui representada por seu proprietário, o Sr., brasileiro, casado, profissão, identificado sob o nº RG...../SSP-UF, CPF/MF nº....., residente à Rua, nº....., na cidade deEstado de, de ora em diante denominada EDITORA; e, ainda, de outra parte (*Nome da entidade assistencial à qual foram doados os direitos autorais.....*), CGC....., estabelecida à Rua, nº....., no bairro de, na cidade de, Estado deCEP, representada por seu presidente (*Nome do presidente.....*), brasileiro, casado, identificado sob o nº RG/SSP-UF, CPF/MF nº....., daqui por diante denominada CESSIONÁRIA, entre si têm acordado e contratada a cessão de direitos autorais de edição de livro, cujas cláusulas são as seguintes:

Já por esta abertura do Contrato observa-se que existem três personalidades envolvidas: AUTOR, EDITORA, CESSIONÁRIA;

É o óbvio, mas friso: só haverá CESSIONÁRIA se o AUTOR decidir passar para ela os direitos autorais; ou então, a própria Editora mantém entidade assistencial, fato que no caso deverá ser especificamente declarado, de preferência citando-se o nome da beneficiária.

Essa personalidade contratual tríplice tem a vantagem de dispensar o AUTOR de incluir o montante do direito autoral na sua "Declaração anual de Imposto de Renda", da qual ele se isenta; nesse caso, a CESSIONÁRIA é que fica com essa responsabilidade legal.

CLÁUSULA 1ª

1.1 - O AUTOR é titular da obra que liga seu nome, denominada (Nome do livro.....), daqui por diante denominada OBRA, sobre a qual exerce direito de autor, capacitando-o a autorizar a respectiva edição.

1.2 - A OBRA foi ditada pelo Espírito (Nome do Autor Espiritual.....), tendo sido psicografada pelo AUTOR, no exercício de mediunidade.

CLÁUSULA 2ª

2.1 - O AUTOR concede à EDITORA o direito de edição da publicação da OBRA, na língua portuguesa.

A concessão para edição em outros idiomas, dependerá de decisão do médium ou autor.

2.2 - A EDITORA fixará a tiragem de cada edição contratada com o AUTOR, realizando a promoção, venda e distribuição da OBRA.

CLÁUSULA 3ª

O AUTOR obriga-se a:

3.1 - Responder pela autenticidade da OBRA, bem como por sua boa origem.

3.2 - Não vender nenhum dos exemplares que receber da EDITORA, por brinde.

3.3 - Participar do lançamento da OBRA, em Centros Espíritas ou em livrarias, bem como comparecer a seminários e conceder entrevistas à mídia, tudo dentro de suas possibilidades e mediante entendimento com a EDITORA.

Aqui é preciso muito cuidado ao aceitar o comparecimento nos eventos citados: dependendo do sucesso do livro, os convites chegam ao AUTOR, vindos de várias partes, o que pode onerá-lo; nesse caso, será necessário definir quem indenizará os gastos com viagens, hospedagem, alimentação etc. (se o próprio AUTOR, a EDITORA ou quem convidar).

CLÁUSULA 4ª

4.1 - Ilustrações, desenhos, fotografias, gráficos etc. — se houver —, serão objeto de entendimento entre o AUTOR e a EDITORA.

4.2 - A presente CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS refere-se à publicação de 1 (uma) edição da OBRA e no idioma português.

4.3 - Reedições da OBRA, bem como edições em línguas estrangeiras, e ainda exploração dela para fins de teatralização, cinemato-

grafia, televisão etc., deverão ser objeto de novo contrato entre as partes.

Comentário:

Os dispositivos dessa cláusula resguardam o futuro, pois pode acontecer que a OBRA venha a obter estrondoso sucesso e nesse caso tais eventos são prováveis.

Reconheço que não será fácil ao médium ou autor espírita impor tais condições, pois o que geralmente ocorre é que a EDITORA exija cessão integral de exploração comercial da OBRA e dos respectivos direitos autorais, não os discriminando...

É desejável que haja um item prevendo isso, de forma a resguardar direitos de ambos.

CLÁUSULA 5ª

A EDITORA obriga-se a:

5.1 - Remunerar a CESSIONÁRIA na base de % — (escrever por extenso qual a porcentagem) sobre o preço de capa de cada exemplar da OBRA efetivamente vendido, sendo efetuados os descontos previstos em Lei;

O citado pagamento está sujeito a várias nuanças:

1ª - Não havendo CESSIONÁRIA: nesse caso será citado o AUTOR;

2ª - A Editora não indenizará em dinheiro ao AUTOR ou à CESSIONÁRIA e sim integralizará o montante devido, em quantidade de exemplares e ao preço de capa, de comum acordo com o AUTOR e aceito pela CESSIONÁRIA; nesse caso, tal deverá constar desta cláusula;

3ª - Se a Editora espírita fizer venda aos Clubes do Livro Espírita por preço reduzido e disso não consignar "direito autoral", tal deverá ser enunciado no contrato.

5.2 - Informar à CESSIONÁRIA (mensalmente, bimestralmente, trimestralmente ou em outro período) as vendas efetuadas;

5.3 - Fixar e informar ao AUTOR e à CESSIONÁRIA o preço de capa, pelo qual o livro será vendido normalmente aos consumidores;

Comentário:

No caso do LIVRO ESPÍRITA é comum que a primeira edição tenha vários preços, reduzidos para os CLE (Clubes do Livro Espírita). Distribuidoras e/ou livrarias, e outro, para outros eventuais consumidores.

No caso das vendas para os CLE, considerando que o livro é vendido quase que, ou mesmo a preço de custo, por via de regra, não são atribuídos direitos autorais.

5.5 - Se alguma venda for cancelada, por devolução ou por outra razão, o respectivo valor será abatido do cálculo de direitos autorais;

5.6 - Permitir à CESSIONÁRIA, a qualquer instante, o exame da documentação fiscal referente à OBRA.

5.7 - Informar à CESSIONÁRIA, quando solicitado, a quantidade de cada edição, das vendas efetuadas, das doações, bem como dos exemplares em estoque.

5.8 - Pagar: (mensalmente, bimestralmente, trimestralmente, ou em outros prazos) à CESSIONÁRIA a quantia prevista no item 5.1.

5.9 - Informar ao AUTOR os créditos feitos à CESSIONÁRIA.

Comentário:

Essa informação, baseada tão somente na ética, tem um duplo efeito: permite que o AUTOR mantenha-se informado quanto ao cumprimento do CONTRATO, por parte da EDITORA, bem como da boa aplicação de sua doação, por parte da CESSIONARIA.

5.10 - Fornecer gratuitamente ao AUTOR (quantidade de exemplares), a cada edição, para divulgação; nos referidos exemplares não deverá constar menção a essa gratuidade.

Comentário:

Por esse dispositivo, não haverá o carimbo "CORTESIA DO EDITOR" (ou outros dizeres com o mesmo sentido) nos exemplares doados pela EDITORA ao AUTOR; tal providência possibilita que o AUTOR ceda aos Centros Espíritas que quiser os exemplares que puder, que serão vendidos por esses CE, revertendo às respectivas obras sociais a quantia apurada; e também, quando der exemplar para alguém, o presente estará sendo dele e não da Editora.

CLÁUSULA 6ª

Este CONTRATO terá validade de 3 (três) anos; decorrido esse prazo, AUTOR e EDITORA poderão prorrogá-lo ou renovar suas bases contratuais.

CLÁUSULA 7ª

Desde já ficam obrigados AUTOR, EDITORA e CESSIONÁRIA, por si, herdeiros e sucessores, a respeitar integralmente as condições e demais bases contratuais estipuladas neste contrato.

CLÁUSULA 8ª

8.1 - Os casos omissos serão dirimidos pelas leis em vigor no que lhes forem aplicáveis, elegendo as partes o FORO da Comarca de (citar o nome da cidade) para qualquer ação derivada do presente contrato, com exclusão de outro, por privilegiado que seja.

8.2 - E por estarem de acordo com as condições expressas neste documento, firmam-no em 3 (três) vias de igual teor — destinando uma a cada parte — , na presença de 2 (duas) testemunhas, que também assinam o presente, para fins de direito.

Comentário:

Quando não houver CESSIONÁRIA, o Contrato poderá ter apenas duas vias.

(nome da cidade e data)

AUTOR

EDITORA

CESSIONÁRIA

Testemunha

Nome:

RG:

Endereço:

Testemunha

Nome:

RG:

Endereço:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo. Editoração espírita no Brasil: alguns subsídios. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, v. 117, n. 2.041, p. 12-14, jan. 1998.

_____. Literatura espírita: uma breve reflexão. *Reformador*, Rio de Janeiro: FEB, v. 116, n. 2.026, p. 106-108, abr. 1999.

_____. Não esqueça as fontes. *Reformador*, Rio de Janeiro: FEB, v. 116, n. 2.036, p. 340-341, nov. 1998.

FRANZOLIM, Ivan René. *Como escrever melhor e obter bons resultados*. 2.ed. São Paulo: USE, 1996.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo: O Estado de S. Paulo*. 3.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MANUAL de estilo: Editora Abril. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

MORENO, Cláudio; GUEDES, P. Coimbra. *Curso básico de redação*. 11.ed. São Paulo: Ática, 1996.

MOTA JÚNIOR, Eliseu Florentino. *Direito autoral na obra psicografada*. Franca: A Nova Era, 1999.

ÍNDICE TEMÁTICO

abreviaturas: 2.4.8
adjetivos e advérbios: 2.4.6
ambiente para psicografia: (Introdução), 1.7.4.1
apresentação do livro espírita: 2.1/a
autopatrulhamento (do médium): (Introdução)
autores espíritas: 1.8
auxílio de outro psicógrafo: 1.7.4.1
Bíblia: 2.2.4
biografias (de espíritas): 2.2.2
buscas e pesquisas: 2.1; 2.2
caligrafia (mudança de): 1.7.4.2
capas (capa e 4ª capa): 2./c
Chico Xavier: (Introdução); 2.1/a; 2.2.1; 3.3; 3.7; 3.9.3; 4.1
Clubes de Livros Espíritas (CLE): 11; 3.4; 3.6; 3.7; (Anexo/5.2)
coautor (o psicógrafo?): (Introdução)
comunicações iniciais: 1.7.4.1
compilações: 2.1/a
conduta do médium (fé, orações): 1.7.4.1
conselho editorial (analistas): 2.1/a; 3.2
conteúdo (livro mediúnico ou de pesquisa): 2.1/a
conto, O: 2.3.2.3
contrato de cessão de direitos autorais: (Anexo)
"convivência" com personagens: (Introdução)
críticas (e críticos) 3.8; 3.8.1; 3.8.2
dia e horário para psicografia (escolha): 1.7.4.1
diálogos (construção; verbos *dicendi*): 2.4.5
dicas importantes (nas citações): 2.1/b
digitação do texto: 2.4.6; 3.2; 3.9.5
dinheiro: 3.9.3
direitos autorais: 2.1/a; 3.9.1
Divaldo P. Franco: 2.1/a; 3.7; 4.3;
doação (direitos autorais): 3.9; 3.9.4; (Anexo/5.9)
eclosão de Clubes de Livros Espíritas: 3.6
eclosão de Editoras espíritas: 3.5
editoração espírita (a realidade da): 2.1/c; 3.7; 3.9.5
editoras, As: 3.5
ênfases (adjetivos e advérbios): 2.4.6
escala espírita: 1.1

escrita (tipos de psicografia): 1.7.2
espiritualidade ("reservatório" imenso): 1.1
exemplares editados (quantidade): 3.3
filtragem nas comunicações: 2.1.a
finalidades do livro espírita: 1.1
- divulgação evangélica: 1.1; 1.6
- indução à autorreforma: 1.1; 1.4
fontes de consulta: 2.1/b
formação dos médiuns: 1.7.4
frases (construção e dicas): 2.4.1.3
futuro: 1.4
gastos do médium ou do escritor (indenização): 3.9.4
gêneros literários: 2.3.1
globalização mundial: 1.3
identidade da autoria espiritual: 1.7.4.1
"index prohibitorum": 2.1/a; 3.8
índice (é diferente do sumário): 2.1/c
iniciação de um psicógrafo: (na Introdução); 1.7.4
Jesus: autor fundamental (do "LE"): 1.3
Kardec (Allan): (Introdução); 1.1; 1.7; 2.1/a; 2.2.1; 2.2.2; 2.4.1;
2.4.2; 3.3
"laboratório" mediúnico: (na Introdução)
lançamentos/vendas: 3.9.5
literatura (noções): 2.3
livro espírita, O (certidão de nascimento): 3.9.2
livro espírita, O (estrutura espiritual): 1
livro espírita, O (estrutura material): 2.2.1
livro espírita, O (livro espírita *número 1*): 1.2
livro espírita, O (publicação): 3.3.1
local para psicografia: (na Introdução), 1.7.4.1
lombada (título do livro): 2.1/c
médium psicógrafo: 1; 1.7
médiuns especiais: 1.7.3
- modo de execução: 1.7.3.1
- desenvolvimento da faculdade: 1.7.3.2; 1.7.4.1
- gênero/especialidade: 1.7.3.3
- qualidades físicas: 1.7.3.4
- qualidades morais: 1.7.3.5
mensagens (como treino para o médium): 1.7.4.1
música ambiental: (Introdução)

música e literatura: 2.3
natureza das comunicações: 1.7.4.1
necessidade (do médium) de estudo: 2.1/a
novela, A: 2.3.2.4
número de exemplares: 1.1; 3.3
números (cuidados com a exatidão): 2.4.3
obras de referência: 2.2; 2.2.1; (Bibliografia)
palavras repetidas: 2.4.5; 2.4.7
pena ou lápis?: 1.7.4.1
perda e suspensão (da mediunidade): 1.7.4.3
pleonasmos: 2.4.9
poesia, A: 2.3.2.1
pontuação/sinais/traços (utilização): 2.4.2
primeiros sintomas da psicografia: 1.7.4.1
produção (da) ao consumo: 3.4
prosa, A: 2.3.2.2
psicografia direta/indireta: 1.7.1; 1.7.2
pureza doutrinária: 3.2
qualidade das publicações: 2.1/a
redação (estilo, forma, técnicas etc.): 2.4
referências bibliográficas: 2; 2.1/a
reforma moral: 1.4
regeneração planetária: 1.4
repetições: 2.4.7
resultados progressivos: 1.7.4.1
revisão: 3.2; 3.7; 3.8.1
romance Espírita, O — Mediúnico, ou não: (Introdução); 1.6;
2.3.2.5
segmentos literários espíritas: 1.5
sintonia médium/autor espiritual: 1.7.4.1
sumário (é diferente do índice): 2.1/c
títulos que enganam...: 2.1/a
tiragem (quantidade de exemplares editados): 3.3
venda do livro: 3.9.5
vendedores (que conheçam o Espiritismo): 2.1.c
verbos *dicendi*: 2.4.5
vícios de linguagem (cacófatos): 2.4.10
vultos históricos (citações de): 2.4.4
Yvonne A. Pereira: 1.6; 2.1/a; 2.1/b; 4.2.